



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE HISTÓRIA

ANGELO JOSÉ FRANCIOSI DE SOUZA

A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ORIDES BELINO:
DE CACIQUE DA TERRA INDÍGENA XAPECÓ A PREFEITO DE IPUAÇÚ - SC

CHAPECÓ 2016

ANGELO JOSÉ FRANCIOSI DE SOUZA

**A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ORIDES BELINO:
DE CACIQUE DA TERRA INDÍGENA XAPECÓ A PREFEITO DE IPUAÇÚ - SC**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para a obtenção do grau
de licenciado em História da Universidade Federal
Da fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Jaisson Teixeira Lino.

CHAPECÓ 2016

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Souza, Angelo José Franciosi De

A Trajetória Política de Orides Belino: De Cacique da Terra Indígena Xapecó a Prefeito de Ipuacú, SC./ Angelo José Franciosi De Souza. -- 2016.

72 f.:il.

Orientador: Jaisom Teixeira Lino.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de História, Chapecó, SC, 2016.

1. História Regional. 2. História Política. 3. Indígenas . I. Lino, Jaisom Teixeira, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

ANGELO JOSÉ FRANCIOSI DE SOUZA

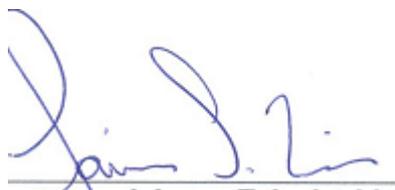
**A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ORIDES BELINO:
DE CACIQUE DA TERRA INDÍGENA XAPECÓ A PREFEITO E IPUAÇÚ-SC.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de licenciado em história da Universidade Federal da Fronteira Sul.

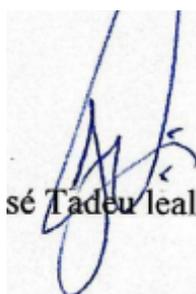
Orientador: Prof. Dr. Jaissom Teixeira Lino.

Esse trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado em 06/07/2016.

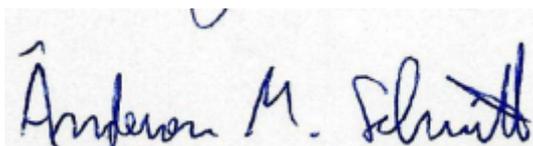
BANCA EXAMINADORA.



Prof. Dr. Jaissom Teixeira Lino- UFFS



Prof. Me. José Tadeu Leal Peixoto-UFFS



Prof. Me. Anderson Marcelo Schmidt- UFFS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me deu força durante esse processo de 05 anos e colocou as pessoas certas para me ajudarem na realização desse trabalho.

Agradeço aos meus professores, em especial ao orientador Professor Jaisson Teixeira Lino que esteve ao meu lado, contribuindo com seu conhecimento na temática Indígena, e sei que, sem essa ajuda não seria possível concretizar o projeto.

Em especial, agradeço a minha família. A minha companheira Carine que teve paciência e me incentivou nos momentos de dificuldades.

Por fim agradeço a família de Orides Belino. Muito obrigado pela confiança de fornecer os registros fotográficos de seu arquivo familiar, e, prestar as informações que solicitei.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Região Oeste-SC	19
Figura 2- Mapa TI Xapecó.....	20
Figura 3 - Localização da cidade de Ipuacú – SC	24
Figura 4 - Orides Belino com Ana Lucia Notzold	26
Figura 5 - Escola Cacique Vanhkre.....	33
Figura 6 - Propaganda Política.....	37
Figura 7 - Orides com Governador Amim	38
Figura 8 - Orides entregando projetos ao Presidente	39
Figura 9 - Morte de Orides noticiada	43

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I - MADEIRA E CORRUPÇÃO EM XAPECÓ.....	52
ANEXO II - ENTREVISTA COM ORIDES BELINO, 1996.....	54
ANEXO III – CORREIO BRASILIENSE: VIDA DE ÍNDIO	55
ANEXO IV - CONFRONTO ÍNDIOS CONTRA PM – SC.....	57
ANEXO V - CACIQUE	58
ANEXO VI - TRIBO ELEGE E DEPÕE CACIQUES	59
ANEXO VII - CACIQUE PREFEITO	60
ANEXO VIII - ENCONTRO DE ÍNDIOS POLÍTICOS.....	61
ANEXO IX - ÍNDIOS LANÇARAM CANDIDATOS EM 2002	62
ANEXO X - INDIO QUER MENOS PRECONCEITO.....	62
ANEXO XI - JOGOS INDÍGENAS	64
ANEXO XII - FUNAI TEM NOVO ADMINISTRADOR	65
ANEXO XIII - ÍNDIOS ASSASSINADOS EM 2003	66
ANEXO XIV - ELEIÇÕES TRE.....	67
ANEXO XV - CACIQUE É ASSASSINADO.....	68
ANEXO XVI - VICE PREFEITO ASSASSINADO.....	69
ANEXO XVII - DIRCURSO DO GOVENADOR AMIM.	70
ANEXO XVIII - ACUSADOS DE MATAR CACIQUE SÃO JULGADOS	72

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIKA- Associação Indígena Kaingang

COAIB- Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira

CP- *Código Penal*

EPAGRI- *Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural*

FUNAI- Fundação Nacional do Índio

FUNASA-*Fundação Nacional de Saúde*

IBGE- *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*

PIB - *Povos Indígenas do Brasil*

PMSC- *Policia Militar de Santa Catarina*

PPS-*Partido Popular Socialista*

SC- *Santa Catarina*

SPI-*Serviço de Proteção aos Índios*

TI- *Terra Indígena*

UNEMAT- *Universidade Estadual do Mato Grosso*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. O POVOAMENTO DO OESTE CATARINENSE E OS KAINGANG.....	15
2.1 A TERRA INDÍGENA XAPECÓ E OS KAINGANG.....	20
3. CACIQUE ORIDES BELINO ATUANDO EM SUA COMUNIDADE, A TERRA INDÍGENA XAPECÓ.	25
3.1 O CACIQUE ORIDES BELINO ATUANDO NA 'POLÍTICA BRANCA'.....	37
3.2 A MORTE DE ORIDES BELINO	43
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	50
ANEXOS	52

RESUMO

Esta monografia pretende examinar a trajetória política do Cacique Kaingang Orides Belino Correia da Silva, que foi também vice prefeito (e prefeito por curto período) da cidade de Ipuacú - SC entre 2000 a 2003. Vindo de uma família de líderes Indígenas e funcionário da Funai, Orides Belino assumiu a Terra Indígena Xapecó em 1999, após uma inédita forma de acesso baseada na eleição direta, implementando mudanças sociais e estruturais na Comunidade. No ano 2000 foi eleito vice prefeito e em 2002 assume a titularidade na prefeitura de Ipuacú, tornando-se o primeiro prefeito Indígena da Região Sul do Brasil. O intuito do trabalho é fazer essa problematização, abordando a atuação do Cacique junto a política dos 'brancos' e, pensar nos benefícios conquistados para sua própria etnia. As fontes, que forneceram o suporte para pensar na historicidade do personagem são as publicações encontradas em matérias da imprensa escrita, disponíveis na forma digital. Com elas trabalhei de forma a organizar cronologicamente os fatos relatados das relações políticas exercidas pelo Cacique Orides Belino, na Terra Indígena Xapecó e na cidade de Ipuacú.

Palavras Chave: História Política, História indígena, Kaingang.

ABSTRACT

This monograph intends to exanimate the political trajectory of Tribal Chief Kaingang Orides Belino Correa da Silva, who was also vice mayor of Ipuacú – SC city in the period between 2000 to 2003. Coming from a family of Indigenous leaders and employee of Funai, Orides Belino took over the Indigenous Land of Xapecó in 1999, after a unique way of access based on direct election by implementing structural and social changes in the community. In 2000 he was elected as vice mayor and in 2002 took over the entitlement in the Ipuacú City Hall, becoming the first Indigenous mayor of South Region of Brazil. The purpose of this work is to make this questioning, approaching the acting of the Tribal Chief alongside the white policy and think about the benefits achieved for his own ethnic. The sources, which provide the support to think about the character historicity are the publications found in materials of written media, available in digital form. With them I am going to work in a way to organize chronologically the facts related of policy relations exercised by the Tribal Chief Orides Belino, in the Indigenous Land Xapecó and in Ipuacú city.

Key words: Indigenous History, Policy History, Kaingang.

1.INTRODUÇÃO

O estudo a que esse trabalho se objetivou, encontrou nas fontes disponíveis em matérias de jornais, documentos escritos (oficiais), ou em imagens registradas em fotografias, um caminho possível para pensar e contextualizar uma História relativamente recente, intensa e de breve duração na conjuntura política da região Oeste. Durante os anos de 1999 e 2003, na cidade de Ipuacú - SC, destacou-se uma liderança Indígena e também política atuante além dos limites de sua Comunidade. Sua administração, somada a uma série de eventos, fizeram com que a terra Indígena Xapecó ganhasse visibilidade e o local foi palco de inovações, até então inéditas, para uma Terra Indígena.

A relação entre o Cacique e o povo da Terra Indígena Xapecó, resultou em uma liderança atuando além da sua própria Comunidade. Eram duas realidades, mas que pareciam se complementar nas relações mantidas por ele. O personagem atuava na ‘política branca’ e se destacava por ser Índio e, ao mesmo tempo, queria implantar métodos econômicos das demais etnias para os Índios.

O Cacique Kaingang Orides Belino Correia da Silva, foi constantemente mencionado nas publicações escritas e parecia saber usar esse meio a seu favor. Seu discurso consistia em mostrar sua condição de bom articulador político e de enfatizar suas especificidades de Indígena. Ainda vivo, atraiu a atenção de pesquisadores de renome como a Historiadora e professora da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Ana Lúcia Volfe Notzolf, que produziu um trabalho de audiovisual com depoimento do Cacique Orides Belino para o Laboratório de História Indígena da UFSC.¹ Na filmagem que foi realizada entre os dias 09 e 11 de agosto de 1999, o cacique Orides fala de vários aspectos da Terra Indígena Xapecó, entre eles o destaque para a educação Indígena.

Portanto somam-se dois aspectos centrais para estruturar o presente texto: a aceitação da produção da imprensa escrita enquanto fonte provida de historicidade e a importância da História política de uma pessoa para entender a própria sociedade regional. Tania Regina de Luca diz que: “As renovações presentes no estudo da História política, por sua vez não poderiam dispensar a imprensa, que cotidianamente, registra cada lance dos embates do poder” (De Luca,2005, p. 128).

¹ labhin.ufsc.br/ Orides Belino.

Considerando isso, busquei junto aos periódicos em nível de Estado e de Brasil, as notícias que se vinculavam ao nome de Orides Belino, porque conforme o exposto por De Luca, a imprensa se direciona constantemente para os acontecimentos da política e, Orides era uma novidade, talvez ‘exótico’ nesse mundo da política ‘branca’² regional que historicamente abriga apenas os membros de uma determinada classe privilegiada.

As fontes pesquisadas encontraram-se disponíveis na forma digital no Site da ISA- Instituto Sócio Ambiental³, essa fundação mantém catalogados no portal chamado: ‘Povos Indígenas no Brasil’, informações sobre os povos e a temática Indígena brasileira. O ISA mantém a mais de 15 anos o site que contém textos, mapas, gráficos, notícias diversas e fotografias. O conteúdo encontrado no ambiente é produzido por voluntários de várias áreas com afinidade à causa Indígena: Pesquisadores, jornalistas, Índios, médicos, fotógrafos, geógrafos, historiadores, entre outros. Junto a ex-esposa do Cacique, a senhora Maria Jesus de Paula e seu filhos, obtive as fotos do arquivo familiar, que contribuíram para esse trabalho.

O Cacique Kaingang Orides Belino foi vice prefeito de Ipuacú-SC no ano 2000. Já em 2002, tornou-se oficialmente o primeiro Indígena a ser prefeito de uma cidade no Sul do Brasil, ganhando destaque em jornais de ampla circulação. Orides assumiu a prefeitura na ausência do titular e usou seus conhecimentos e relações construídas em sua função de Cacique, fazendo constantes viagens a Florianópolis e a Brasília onde era recebido por autoridades, sendo que há registros fotográficos que apontam uma audiência de Orides com o presidente da República Fernando Henrique Cardoso.

Orides declara em uma de suas entrevistas, que fazia a política para trazer benefícios para o povo Indígena. Ainda hoje o maior símbolo da Terra Indígena: A Escola, o Ginásio e o Centro Cultural com caracterização tradicional indígena são lembrados como obras construídas naquele momento de seu Cacicado.

Pela pesquisa de vários jornais foi possível fazer uma cronologia dos principais momentos do Cacique e prefeito Orides Belino. Suas relações internas na Terra Indígena Xapecó e a forma de atuação na ‘política branca’, até o momento de sua morte em 2003, foram estudadas, analisadas e serão expostas no segundo Capítulo deste trabalho que será estruturado da seguinte forma:

²Para esse trabalho a expressão ‘política branca’ se refere a atuação de Orides Belino na atividade político partidária.

³Disponível em: pib.socioambiental.org/pt/c/quem-somos Consulta em 01/06/2016.

O primeiro Capítulo contextualiza a colonização do Oeste e os Kaingang, e abordará, também, aspectos da Terra Indígena Xapecó e a Cidade de Ipuacú. O objetivo do primeiro capítulo é situar o leitor deste trabalho no ambiente geográfico, social e histórico em que a pesquisa foi feita. Para tanto recorri a trabalhos de Anaeliese Nacke: Livro Os Kaingang no Oeste Catarinense, Mario Xavier: Livro O Coronel Freitas e a Colônia Militar do Chapecó, Wilmar da Rocha D'Angelis: Livro Para Uma História Do Oeste Catarinense e artigos dos Historiadores Alceu Werlang e de Clóvis Antônio Brighenti.

O segundo capítulo apresenta a pesquisa realizada nas fontes jornalísticas, sendo subdividido em três partes, que se completam para o entendimento do personagem foco do trabalho: Orides Belino atuando com os Kaingang, Orides Belino na política branca e a Morte do Cacique Orides Belino. As fontes revelarão que as duas funções públicas assumidas por Orides, serão o principal motivo de seu assassinato em 2003, terminando sua trajetória.

2. O POVOAMENTO DO OESTE CATARINENSE E OS KAINGANG

Avaliar o processo histórico da colonização na região Oeste de Santa Catarina⁴, envolvendo o governo Imperial, os colonizadores e as fases desse movimento, ajuda a entender o resultado da conquista para os habitantes predominantes do território, os Indígenas da etnia Kaingang. A partir do Séc. XIX começa a entrada ‘brasileira’ e disputa contra nativos dos Campos de Palmas⁵.

Os Índios Kaingang, pertencentes ao Tronco Étnico e linguístico Macro Jê, ou Jê do Sul (Melatti, 2007, p 66), habitavam nas terras altas do sul do Brasil e sofreram significativas perdas territoriais a partir do início do Séc. XIX, quando a ocupação dos Campos de Guarapuava- PR, foi incentivada pelo governo Imperial⁶, em função da economia portuguesa e da geopolítica colonial. (D’Angelis, 1989, p. 18).

Com a campanha de conquista dos Campos de Guarapuava, o Império brasileiro buscava a exploração do território para atividades econômicas, principalmente a pecuária, beneficiada pelas condições naturais encontradas no local. Outro fator determinante para a deflagração das campanhas de conquista e posterior colonização, era a efetiva ocupação ‘brasileira’ das regiões disputadas com a Espanha.

Após a concretização da ocupação ‘brasileira’ dos Campos de Guarapuava, com a saturação do espaço e, necessitando desbravar outras terras para instalar novas fazendas de gado e também abrir caminhos alternativos para o Rio Grande do Sul, o passo adiante, seguido em 1839, foram as campanhas de conquista dos Campos de Palmas. Ampla região localizada entre os rios Iguaçu e Uruguai, ligada aos Campos de Erê e do Irani e cercada pelo vazio de população do ‘sertão nacional’ (Nacke, 2007, p. 19).

As campanhas de conquistas da região de Guarapuava no início do Séc. XIX e dos Campos de Palmas em 1839, representam, para os Indígenas Kaingang, a divisão de seu território e início dos confinamentos. Já para o governo Imperial o movimento representava a ocupação de uma região onde havia ‘vazio demográfico’, sendo útil para consolidar seus objetivos geopolíticos.

⁴ Região torna-se parte de Santa Catarina em 1916, após acordo para a solução da questão de limites entre Santa Catarina e Paraná. Pertenceu também a província de São Paulo até 1853.

⁵ Campos de Palmas se refere ao atual Oeste Catarinense, do Paraná abrange apenas as cidades de Palmas e Clevelândia.

⁶ Com a chegada da família real portuguesa em 1808, a ocupação dos Campos De Guarapuava é impulsionada.

A chegada ‘brasileira’ nas regiões do Oeste dos atuais estados do Paraná e de Santa Catarina representou muito mais do que perda da liberdade e do território para os habitantes Indígenas. A conquista foi efetivada pela matança e pela dominação cultural, onde, para os sobreviventes restou além do confinamento, a imposição da religião e do modo cultural dos brancos. Sobre isso Anaeliese Nacke escreve que:

“Na entrada em Palmas, os paulistas utilizaram da estratégia de dividir para governar. Jogaram uma fração Indígena contra outra. Uma fração aliciada, a dos Índios Catequisados, estimulando o confronto da população Indígena entre si, ou seja, os mansos versus os arredios, e coroados (Kaingang) versus Xoklens (Botocudos). Com resultado ocorreu a expropriação das terras indígenas e parte da população foi dizimada. Os sobreviventes foram chamados a catequese” (Nacke, 2007, p. 20).

A autora deixa bem claro que dominação branca foi baseada na desconsideração total da cultura, do modo de vida e da vontade dos povos indígenas. A política do governo aplicada aos nativos naquele período resultou em uma tragédia de proporção incalculável para toda uma população. Esses dados mostram como se deu o início da ocupação da colonização da atual região Oeste de Santa Catarina e as consequências para a população Indígena.

Antes da chegada do homem branco aos seus territórios, os Kaingang circulavam livres por toda a região. Mantinham seu modo de vida, seus mitos e sua religião, baseado na ligação material e espiritual com a natureza. Das matas obtinham os alimentos necessários com a caça e a coleta, também, praticavam a agricultura de subsistência.

No passado, as tribos Kaingang dispunham de grandes áreas com matas densas e rios, que forneciam os recursos naturais variados e abundantes, que garantiam a sobrevivência do grupo. Contribuíam, também, o cultivo de diferentes espécies de milho, feijão, morangas, amendoim em roças de pequena dimensão através da técnica da coivara, completando a dieta alimentar do grupo. (Nacke, 2007, p. 39).

Quando ocorreram os aldeamentos e os confinamentos dos Índios em um território restrito e com limitados recursos naturais, todo um sistema que era cultivado a séculos e que norteava o cotidiano dos Kaingang teve uma ruptura. Nas Reservas Indígenas criadas pelo governo não havia os espaços e os recursos necessários que garantissem uma vida com dignidade.

Concluído o domínio dos vários grupos de Índios Kaingang, são criados os aldeamentos para instruí-los ao trabalho e a fé da religião católica romana. Os aldeamentos também eram uma forma de ‘branquear’ os índios através de uniões mistas, o que não ocorreu pela resistência indígena ao processo. Com a instalação da República e amparado pela lei de terras de 1850, o governo do Paraná criou reservas no Estado, entre elas a TI Xapecó, em 1902 (Briguenti, 2010, p. 16).

Portanto, a política destinada aos indígenas sobreviventes, após as campanhas de conquista da região Oeste (e do Brasil), foi de confinamento em espaços limitados e submissão a um regime de tutela. Os órgãos criados pelo governo para a ‘proteção’ dos Índios, o extinto SPI- Serviço de Proteção ao Índio⁷ e a FUNAI- fundação Nacional Do Índio⁸, serviam mais para consolidar a dominação do que para a proteção dos interesses indígenas. Desde o período Imperial a política governamental visava ‘civilizar’ o Índio porque:

“Os indígenas não eram considerados brasileiros, e, dentro da lógica da nacionalidade inferida durante o Império, teriam que se civilizar para se tornarem brasileiros. Foi nesse intuito que caminhou a legislação brasileira: Deixar de ser índio para ser brasileiro”. (Pacheco, 2013, p. 34).

O povo Kaingang, apesar de ter o contato com os homens brancos, em um tempo histórico relativamente recente, no séc. XIX, tiveram um destino semelhante aos demais povos Indígenas do Brasil. Passaram de homens livres em uma grande terra, para homens tutelados por leis feitas totalmente alheias a sua vontade e voltadas a impedir sua autodeterminação enquanto cidadãos. Em alguns casos, restou aos Indígenas a alternativa das alianças com o invasor de seu território e a colaboração na luta, contra seu próprio povo.

A situação jurídica dos povos indígenas e o reconhecimento de seu direitos têm na constituição de 1988, uma sensível melhora, entretanto, ainda há muito para ser conquistado e reconhecido. Os artigos 231 e 232 da Constituição Federal⁹ são destinados a garantia dos direitos Indígenas.

⁷O SPI- Serviço de Proteção aos Índios, foi fundado em 1910 e extinto em 1967.

⁸ A FUNAI- Fundação Nacional do Índio, substituiu o SPI e funciona até os dias de hoje.

⁹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm Consulta em 01/04/2016

No conjunto de ações feitas pelo governo Imperial, para consolidar a ocupação dos ‘vazios demográficos’ e impulsionar a colonização da região dos Campos de Palmas, foi criada uma colônia militar no ano 1859 em um local estratégico no caminho para o Rio Grande do Sul e relativamente próximo à fronteira com a Argentina. A colônia militar do Chapecó foi instalada onde hoje é a cidade de Xanxerê, Oeste de Santa Catarina.

Uma das principais motivações que levaram o Governo Imperial do Brasil a criar uma colônia na ampla região chamada genericamente de Chapecó, em alusão ao rio de nome homônimo que banha a região, e, contínua aos Campos de Palmas, deveu-se as disputas territoriais com a república da Argentina. A nação vizinha reivindicava áreas pertencentes aos atuais territórios do Oeste dos atuais Estados de Santa Catarina e Paraná. Questão solucionada a favor do Brasil em 1895 (Xavier, 2016, pág. 23).

A região Oeste, pela sua importância estratégica e por suas riquezas naturais sempre foi área de disputa. Mesmo após o término da ‘questão de palmas’¹⁰ com a Argentina, continuou a discussão de reconhecimento de limites, agora envolvendo o Estado do Paraná e de Santa Catarina. As disputas territoriais somadas a outros fatores sociais, religiosos, políticos e econômicos foi a causa da Guerra do Contestado, ocorrida no Meio Oeste e Planalto Norte Catarinense, entre 1912 e 1916.

Dessa forma a configuração territorial de Santa Catarina ocorre principalmente em dois momentos: em 1895 com o ganho de causa na disputa com a Argentina; e em 1916, quando um acordo celebrado com o Paraná,¹¹ estabelece que Santa Catarina ficaria com o território que compõem a bacia do Rio Uruguai, consolidando-se, definitivamente, a área do Estado. Em 1917 são criados quatro municípios na região: Chapecó, Cruzeiro(Joaçaba), Mafra e Porto União. (Werlang, 2015, p. 01).

Com a criação dos quatro municípios na região Oeste e meio Oeste, ocorre também o aumento da população, vinda principalmente do Estado do Rio Grande do Sul, composta em sua maioria por descendentes de imigrantes europeus e, incentivada pelos baixos valores das terras somadas às atividades das colonizadoras. As Colonizadoras exercem papel central no modelo de povoamento que se deu na região.

O fato social e humano de relevância e, que foi deixado de lado na política implementada na região, que consistia em receber os imigrantes brancos oferecendo terras para que se estabelecessem com suas famílias, é que parte das terras já abrigava

¹⁰ Alusão ao nome da região em disputa entre Brasil e Argentina.

¹¹ Anais do Senado Federal, Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1916.

moradores. Além dos grupos ou famílias indígenas que não aceitaram o aldeamento, habitavam nas matas e em terras já usadas para as plantações da região, a população de origem étnica cabocla¹².

O que vai ocorrer, então, no Oeste catarinense, é a expulsão sistemática da população de origem cabocla de suas terras, para receber os descendentes e imigrante, na maioria vindos do Estado do Rio Grande do Sul, que recebiam das colonizadoras os títulos das terras adquiridas. (D'Angelis, 1989, p. 62).

A expulsão da população cabocla de suas terras seguia a lógica de desconsiderar o ‘diferente’, o que está em condição de maior fragilidade frente ao oponente, semelhante em alguns aspectos ao modo de tratamento já antes destinado aos Indígenas. Assim foi dado privilégio aos fatores econômicos em detrimento do social e humano, no processo de colonização do Oeste Catarinense. Ao final, restou um povo Indígena muito diminuído, isolado, sem autodeterminação e, uma população cabocla relegada as áreas rurais inferiores ou as periferias pobres das cidades, que foram se formando a partir dos quatro municípios mais antigos.



Figura 1- Região Oeste-SC

Fonte: <http://mapas.ibge.gov.br/divisao/viewer.htm>

¹²Pessoa com origem na miscigenação entre brancos e índios.

As principais Comunidades são a Aldeia Sede, que recebe esse nome porque o local abrigava a administração do antigo SPI, a Aldeia Pinhalzinho e Paiol de Barro. Essas Comunidades possuem as melhores estruturas de acesso, água e energia elétrica. A energia chega de forma gratuita para uma parcela da população, como uma forma de compensação aos Indígenas, visto que as linhas de transmissão de energia da Eletrosul¹³ e da Celesc¹⁴ passam pelo local. (Nacke, 2007, p. 45).

Essas três Comunidades, contam com serviços básicos de posto de saúde, com veículo para transporte de doentes, escolas com ensino fundamental e médio, além de outros meios de convívio social compostos por várias igrejas. As pessoas que habitam as aldeias de menor expressão também possuem algum tipo de serviço, porém, geralmente necessitam deslocar-se até as Aldeias principais para o acesso a serviços como saúde e escolas melhores.

Assim como nas demais Terras Indígenas do Brasil, a TI Xaçecó é vinculada aos programas da Funai- Fundação Nacional do Índio e com a Funasa- Fundação Nacional de Saúde. Internamente, os Kaingang se organizaram e fundaram associações com atuação na área social: AIKA-Associação Indígena Kaingang, que representa as comunidades pertencentes ao território de Ipuacú, e, a Associação Comunitária Kaingang, ligada a Entre Rios.

Atualmente a Terra Indígena Xaçecó possui uma área limitada e, com poucos recursos naturais como matas preservadas e rios com condição de prover o mínimo de sustento à população, afim de preservar alguns costumes tradicionais dos Kaingang ligados a natureza. Para entender o contexto atual é necessário trazer alguns dos fatos do passado do povo Kaingang da região, ligados a formação da TI Xaçecó.

A primeira citação oficial de uma Reserva Indígena, no local onde hoje está inserida a Terra Indígena Xaçecó, é do ano 1902, através do decreto número 07 de dezembro daquele ano feito pelo governo do Paraná.

O decreto dizia que: ficou reservado para os índios ‘Coroados’, liderados pelo Cacique Vanhkrê, uma área de terras com 50 mil hectares, compreendidos a partir do Rio Xaçecó, pela estrada que segue para o sul, até o passo do rio Xaçecozinho, seguindo esses dois rios até onde eles fazem Barra. Aneliese Nacke diz que: “Segundo a história oral dos Kaingang, a doação constituiu o pagamento pelos serviços prestados

¹³ Centrais Elétricas do Sul do Brasil.

¹⁴ Centrais Elétricas de Santa Catarina.

pelo Cacique Vainhkrê, na abertura da estrada que ligava os Campos de Palmas ao Estado do Rio Grande do Sul” (NACKE, 2007, p. 46).

O fato demonstra também uma prática de aliança entre os membros do governo e o grupo de Indígenas liderados pelo Cacique Wanhkrê. Isso reafirma as opções que restaram aos Kaingang após a conquista brasileira: a submissão ou se valer das alianças com os brancos.

No documento havia, ainda, fatores condicionantes para a “doação”, que resguardava o direito de terceiros. Sendo assim, a posse efetiva da terra sempre encontrou obstáculos. Observa-se o uso do nome ‘Coroados’, para definir os Kaingang, isso era uma das várias formas de designação dessa Etnia.

Estudos apontam para a presença Kaingang em áreas bem mais abrangentes na região, muito além da limitação inicial da “Reserva Indígena”. Fica claro que o recurso do aldeamento não visava à garantia de direitos e que o confinamento foi uma estratégia para concretizar a submissão ao governo (D’Angelis, 1989, p. 60).

Somado os casos de grilagens de terras, transferência compulsória de indígenas, “reconhecimentos de direito de terceiros” e o abuso cometido por agente do antigo SPI-Serviço de Proteção ao Índio, a área de terras originalmente destinada aos kaingang, de 50 mil hectares em 1902, passou aos atuais 15.623 hectares, titulados definitivamente em 1965 (Nacke, 2007, p. 47).

As áreas florestais presentes na TI sofreram grande devastação, principalmente nas araucárias originais. O próprio posto indígena administrou uma serraria que, segundo levantamento do Projeto Microbacias, junto às populações indígenas de Santa Catarina: “Mais de 60 mil pinheiros foram derrubados na TI Xapecó, causando impacto no modo de vida tradicional Kaingang” (Projeto Microbacias 2. EPAGRI,2008).

Fica claro que por muito tempo, os agentes do governo se valeram de suas funções públicas para explorar os recursos naturais e a mão de obra indígena, utilizando o arrendamento das terras da TI para colonos brancos, comercializando madeiras.

O fator que levou a assimilação e aceitação pacífica, por parte dos Kaingang, da tomada de riquezas de sua terra e a destruição dos recursos, foi a existência do regime tutelar. Essa forma de política destinada aos indígenas do Brasil fazia com que os Índios permanecessem calados, sem voz diante de suas próprias causas (Brighenti, 2013, p. 44).

Mesmo com as dificuldades estruturais e as leis impostas pela legislação anterior a constituição de 1988, os Kaingang se organizaram e começaram os movimentos de luta por seus direitos. A partir de 1974 fizeram assembleias, se manifestaram para a

Funai, o Governo e a imprensa denunciando os abusos cometidos por quem deveria garantir sua proteção, segundo Brighenti isso gerou:

O resultado desse processo de luta foi a expulsão de 1500 famílias de arrendatários das Tis Rios das Cobras, Nonoai e Xaçepó, em 1978. Após esse ato os Kaingang expulsaram os chefes de posto, tomaram conta das lavouras da Funai e tentaram o controle das serrarias. Nesse momento o governo usou a força militar para coibir e impedir novas manifestações. (Brighenti, 2013, p. 45).

Atualmente os Kaingang da TI Xaçepó vivem um momento diferente do contexto das décadas passadas, possuem maior acesso a informações e tem na constituição de 1988 maiores garantias de seus direitos. Situação diferente das encontradas pelas gerações anteriores, porém ainda há muito a ser conquistado e praticado para que o Índio adquira o pleno direito de cidadão brasileiro e, também, o reconhecimento de suas especificidades culturais, enquanto componente importante para a formação nacional.

Na TI Xaçepó existem ações visando o resgate de rituais tradicionais Kaingang que foram reprimidos no passado. São festividades anuais que envolvem a Comunidade, convidados e pessoas envolvidas com as causas indígenas.

Anualmente, no mês de Abril, vem sendo realizado festividades referentes ao Dia do Índio. Também ocorrem tentativas de resgatar rituais da tradição religiosa Kaingang, sendo uma das cerimônias o ritual do KIKI. Esse ritual é intimamente ligado ao sistema de divisão dualística Kaingang: Kamé e Kairú, os quais se completam. Expressa a relação entre os Kaingang e a natureza, simbolizando também o contato entre mundo material e os espíritos.

Pela sua complexidade é realizado com a participação de membros da comunidade e do Xamã local, necessitando de convidados de outras Tis que conservam o conhecimento. O ritual do KIKI foi reprimido durante os anos de “civilização” e assimilação cultural sofrido pelos Kaingang. (Nacke, 2007, p.37).

Os Kaingang da TI Xaçepó, participam ativamente da vida política, social e comercial das cidades de Ipuacú e Entre Rios. Com as facilidades atuais de transporte é muito comum a vinda de famílias indígenas também para a cidade de Xanxerê, para vender artesanatos ou adquirir produtos do comércio local. O hospital de Xanxerê é o local de atendimento de saúde para os Kaingang.

Com a proximidade geográfica entre as cidades e a TI Xapecó, as constantes trocas comerciais e contatos sociais ocorrendo entre Índios e não Índios na região, aos poucos, parece estar havendo a incorporação natural do Índio. Assim ao virem para as cidades são vistos como um componente a mais na sociedade, não mais como um ‘estranho’, ao menos para a maioria das pessoas.

Na prefeitura de Ipuacú,¹⁵ SC, cidade distante 440 quilômetros de Florianópolis, está disponível um breve histórico do início da “colonização” do local. No banco de dados do IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística¹⁶ é possível o acesso a números atualizados da cidade e de aspectos socioeconômicos de sua população.

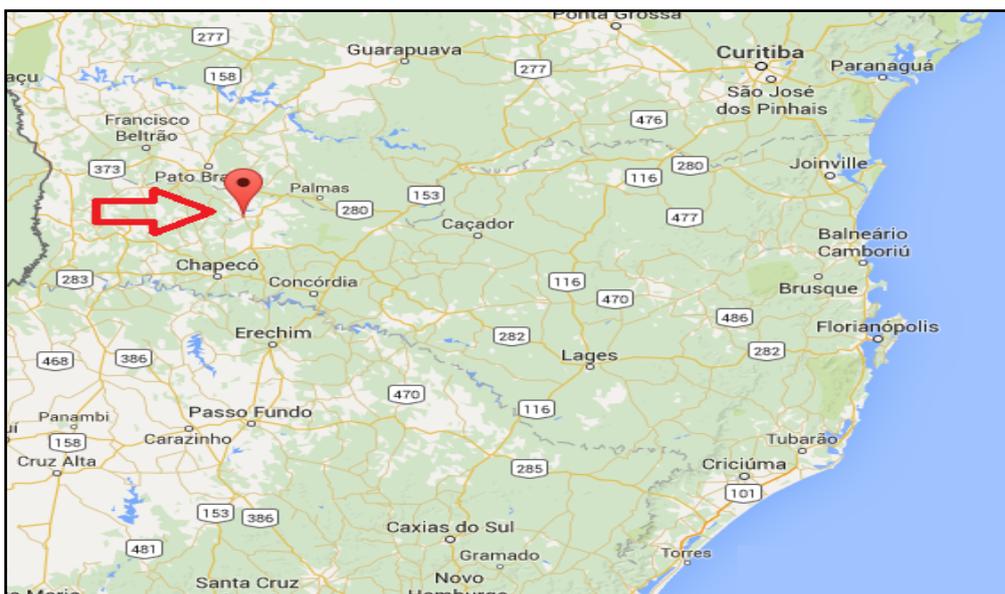


Figura 3 - Localização da cidade de Ipuacú – SC
Fonte: Google Maps: Ipuacú. Consulta em: 12 de junho de 2016

Segundo estimativa populacional feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população total do município para o ano de 2015 é de 7.262 habitantes (IBGE, 2015), incluindo a parcela populacional da área urbana, rural e da Terra Indígena Xapecó vinculada a Ipuacú. Os habitantes do lugar são chamados ipuaçuense e o território possui 260.893 quilômetros quadrados.

A origem do nome da cidade vem da língua indígena Kaingang. Na tradução ou adaptação para o português, presente no dicionário Aurélio, o nome Ipuacú, seria o equivalente a “Grande Alagadiço”. A cidade foi emancipada de Xanxerê e Abelardo Luz em 1992, através da lei estadual nº 8561/1992.

¹⁵Na sede da prefeitura municipal de Ipuacú, obtive as informações sobre o município.

¹⁶ Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=420768> Consulta em 11.06.2016.

3. CACIQUE ORIDES BELINO ATUANDO EM SUA COMUNIDADE, A TERRA INDÍGENA XAPECÓ.

Somos fruto do ambiente social em que vivemos e nos constituímos enquanto pessoa, portanto, o indivíduo não se forma por si só e reflete os costumes, as tradições e demais componentes presentes em seu cotidiano e de sua Comunidade. Nesse contexto, considerando a perspectiva da influência exercida pelo meio em que vivemos, é necessário conhecer um pouco da atuação de uma pessoa junto aos seus, a sua própria comunidade e etnia, para que posteriormente possamos entender os caminhos trilhados em outros espaços estruturais, sociais e de poder.

Nas pesquisas das fontes jornalísticas é possível descrever alguns pontos da atuação do líder Indígena junto aos Indígenas, porém, sempre será a visão de alguém de fora da comunidade lendo e analisando dados que podem ser tendenciosos e, precisando manter a isenção a fim de relatar de forma concisa as informações obtidas.

A História regional do Oeste catarinense necessita ter algo escrito sobre esse personagem e suas realizações. Carecemos de trabalhos focados na valorização dos feitos em âmbito local, a fim de melhor sabermos do funcionamento de nossa própria organização enquanto sociedade, variada e multiétnica.

O Cacique Orides Belino vem de uma família de líderes Indígenas, pertencente à Etnia Kaingang no Oeste Catarinense; seu irmão fazia parte da liderança e do Cacicado da Terra Indígena Xapecó. A primeira função exercida por Orides na TI Xapecó, foi a de chefe do Posto Indígena.

O próprio Orides era funcionário da Funai e exerceu funções públicas em Terras Indígenas no Estado do Paraná e foi líder na Terra Indígena Toldo Chimbanguê em Chapecó, ainda era presidente do Conselho Indígena De Santa Catarina, o que demonstra sua influência junto ao seu povo. Posteriormente, entre 1999 e 2003, Orides Belino assumiu o comando da TI Xapecó.

Com Orides Belino à frente da Terra Indígena Xapecó, ocorre uma mudança que chama atenção da comunidade regional, o local que constantemente era vinculado a conflitos, passa a ser visto de outra forma. Ele imprime novas formas de relacionamento com a Comunidade interna, ao mesmo tempo em que se articula com as forças políticas

fora da TI e, isso resulta em benefícios estruturais, que ainda hoje são utilizados pela população Indígena.



Figura 4 - Orides Belino com Ana Lucia Notzold
Fonte: Arquivo familiar

Durante seu primeiro mandato de Cacique, já demonstrava boa articulação e comunicação com setores interessados na causa Indígena. No ano de 1999, a Historiadora Ana Lucia Notzold produziu um documentário sobre a TI Xaçecó, destacando a atuação do Cacique Orides Belino e as conquistas na educação Indígena.

Nesse período, Orides Belino torna-se ativo também junto à política praticada fora da Terra Indígena da qual era líder e, de lá, provavelmente obteve os votos necessários a sua eleição na cidade de Ipuacú. São, portanto, dois aspectos diferentes, porém, interligados porque ao tornar-se Cacique da TI Xaçecó. Orides obtém a projeção e o apoio necessário para seu envolvimento político e a disputa da eleição na própria cidade de Ipuacú, no qual pesa o fato de que nos anos anteriores já tinha funções de liderança entre os Indígenas Kaingang.

Os principais fatos escritos sobre o Cacique Orides Belino, no que diz respeito a sua atuação enquanto líder da TI Xaçecó, foram escritos pelo jornalista Darci Debona para o Jornal Diário Catarinense. O referido jornalista atua na RBS TV de Chapecó e produz matérias de caráter regional. Na busca de referências ao nome de Orides pela imprensa escrita no período foco da pesquisa esse fato chama a atenção, fazendo pensar que a constante vinculação de matérias sobre a questão Indígena e sobre o Cacique, se

traduz em preocupação com a causa, ou que naquele momento fatos ocorridos na TI Xaçecó chamavam atenção pela sua importância no contexto regional.

O nome de Orides Belino¹⁷ surge em matérias da imprensa escrita pela primeira vez em 1989, nelas são destacadas a destruição das matas que existiam dentro da Terra Indígena e a comercialização das madeiras por funcionários da FUNAI e pelos próprios Indígenas Kaingang. Além de destacar a atuação do Ex-Cacique José Domingos Paliano, do Cacique que assumiu em 1988, Valdo Correia, e, do próprio Orides Belino enquanto chefe do posto Indígena, além de madeireiros da região. Todos estavam respondendo pelos danos causados a natureza da TI Xaçecó, na Procuradoria da República em Florianópolis.

Nas justificativas da derrubada das matas se destacam ao menos cinco situações passíveis de análises e, que contribuem para o entendimento da atuação de Orides junto a sua comunidade. Os Indígenas culpam o antigo Cacique José Domingos Paliano e os funcionários da FUNAI pela derrubada das árvores e comercialização das madeiras.

O Cacique Valdo Correia fala que está organizando uma olaria para produzir tijolos, esperando chegar a uma produção de 400 mil unidades ao ano, nada fala do destino dos lucros obtidos com a venda. O Índio Vicente Facoê de 69 anos, presidente do Conselho Indígena da TI Xaçecó, é destacado na matéria enquanto alguém que lutava contra a derrubada das matas, fazendo isso nos últimos 14 anos.

A procuradora da República Ela Castilhos aparece em outro viés nas matérias, ela recebe os Índios envolvidos, que assumem os danos a natureza da TI Xaçecó, mas alegam que só ocorreu o desmatamento pela falta de alternativas econômicas, frente ao abandono da população Indígena por parte do governo. Ela solicita provas documentais e analisa a não inclusão dos Índios em sua denúncia, considerando a situação peculiar em que se encontravam e se resta comprovar o que estavam dizendo.

Orides Belino aparece defendendo a atuação do Cacique Valdo que, aliás, é seu irmão. Ele fala que ao assumir a Cacicado, Valdo impulsionou as plantações e instalou a olaria. Orides afirma que a TI é muito grande, que são mais de quatro mil pessoas e, que a despesa é muito alta, então finalmente os Índios tem um “plano econômico” que poderia os tornar menos dependente do governo e da Funai e diz que isso consistia em que os lucros da olaria sustentasse as despesas das agricultura e, deste modo, toda a

¹⁷ Jornal Porantim. Dezembro de 1989. Pág. 09. MADEIRA E CORRUPÇÃO EM XAPECÓ. Disponível: pib.socioambiental.org/anexos/14497_20100727_232006.pdf, consulta em 24/05/2016

população se beneficiasse com a renda da lavoura, fazendo com que a sobra de matas fosse preservada.

Ainda em sua declaração acusa a FUNAI de não prestar assistência aos Indígenas que vivem na TI, e, que o dinheiro vindo das plantações feitas no terreno onde as matas foram derrubadas são usados no pagamento de dentistas, professores e outros serviços para os Índios do local.

Pela análise da atuação, nessa ocasião é possível perceber a sua influência e o modelo de discurso utilizado por Orides, citando constantemente a população Indígena desassistida pelos governantes, a possibilidade de gerar renda com o uso das terras disponíveis aos Índios como fator determinante na busca de autonomia, além de demonstrar apoio ao Cacique que está no poder. Fato contraditório em sua ‘biografia’, pois, alguns anos depois, o próprio Orides irá depor o Cacique Valdo e assumir seu lugar.

Novas citações do nome Orides Belino pela imprensa escrita, ainda não se referem a ele como Cacique ou Vice Prefeito, mas fazem menção ao seu nome relacionado ao de chefe do Posto¹⁸ Indígena na Terra Indígena Xapecó e também presidente do Conselho Indígena de Santa Catarina.

A edição do jornal Diário Catarinense¹⁹, publicada em 03 e Março de 1996 pág. 19, traz uma entrevista ‘exclusiva’ com o presidente do Conselho Indígena de Santa Catarina, Orides Belino Correia da Silva.

O fato gerador da notícia foi a invasão da sede regional da Funai, na cidade de Curitiba PR, por mais de 230 Índios catarinenses, com a participação de membros das três etnias existentes no Estado: Kaingang, Xokleng e Guarani, sendo o movimento apoiado por Orides. Eram várias as reivindicações que motivaram a invasão, entre elas estava o reconhecimento dos direitos dos Índios as terras, o auxílio na liberação de recursos para a agricultura, o direito de se auto representarem e a participação mais efetiva dos próprios Índios nos órgãos responsáveis pela questão Indígena.

Em um momento da entrevista o repórter questiona Orides sobre o porquê da Comunidade Indígena não conseguir fazer valer sua vontade diante do governo federal. Orides responde que isso acontece porque o Índio é pouco informado e ainda não formou uma consciência coletiva de participação nas questões que lhe dizem respeito.

¹⁸Funcionário da Funai, responsável por questões administrativas da Terra Indígena.

¹⁹Jornal Diário Catarinense 03 de março de 1996, ENTREVISTA COM ORIDES BELINO; Disponível em pib.socioambiental.org/anexos/33220_20151217_142026.pdf. Consulta realizada em 24/05/2016

Em outro momento da entrevista Orides diz que a FUNAI trabalha com a perspectiva de causar a desunião entre as etnias Indígenas de Santa Catarina. O repórter, então, questiona como que se dá esse processo. Belino responde que o órgão do governo federal responsável pelos Índios do Brasil aplica diferentes métodos administrativos no atendimento aos Índios, com diferenças de tratamento entre as tribos, causando dessa forma divisão entre as Etnias catarinense. Orides diz que é necessário que os diretores da FUNAI entendam sobre o tema ou que, dêem o controle das ações para os próprios Índios, e, os funcionários do governo teriam que aprender sobre os Índios.

Quando fala das condições em que vivem os Índios Catarinenses, Orides relata que deveria ser levado em conta as diferenças entre as regiões do Brasil, na definição das políticas destinadas as Comunidades. Destaca que na Região Sul, a forma de obter melhoria na qualidade de vida das pessoas do campo é o avanço na agricultura, porém, ao contrário do colono não Índio, nós (Índios) nem ao menos somos independentes e, para sua gente não havia linhas de crédito disponíveis para o financiamento das plantações.

Quando questionado sobre a luta de sua gente, para o reconhecimento de suas terras, responde que ao Índio restou ficar mendigando por algo que já era seu e que ter o espaço necessário é essencial para a manutenção do Índio enquanto uma Etnia a mais a compor a formação humana do Brasil. Orides afirma, ainda, que os direitos constitucionais do povo Indígena deveriam ser respeitados, pois, seguindo da forma em que estava em 20 anos não haveria mais Índios no Brasil.

São várias as considerações pertinentes a essa entrevista e que ajudam a pensar os caminhos trilhados por Belino. Ao apoiar a invasão da Sede Administrativa da FUNAI, órgão no qual o próprio Orides era funcionário, mas que seguidamente ele vai ressaltar que os índios precisavam ter mais autonomia e seguir sendo administrados por pessoas do próprio povo, vemos que ouve um rompimento do diálogo e um grande descontentamento com a política destinada aos Índios pelo governo. Todas as demais fontes encontradas retratam um personagem que valoriza o diálogo e o entendimento entre as partes, sem confrontos. Entendo que Orides foi adaptando sua forma de atuação ao longo do tempo, 'talvez' foi influenciado pelas relações políticas que vai se criando em torno de si.

Faz duras críticas ao seu próprio povo, ao falar da falta de envolvimento do Índio na defesa de suas causas e, se coloca como representante dos Índios em Santa Catarina, destacando lutas das outras Etnias, não apenas como líder Kaingang. Ainda

utiliza expressões fortes ao dizer que; ‘Do jeito que as coisas estavam seguindo, em 20 anos não haveria mais Índios no Brasil’. Isso parece uma figura de linguagem, por que ele está claramente se referindo à manutenção do modo de vida tradicional Indígena, ligado a terra. Também, essa frase traz uma contradição do personagem, porque ele próprio diz que a política para os Índios do governo federal deveria ser baseada nas diferenças regionais, portanto, as causas dos Índios do Sul, não são iguais às do Norte e, naquele momento ele falava apenas em nome dos Indígenas catarinenses.

Orides Belino cita, ainda, o direito ao reconhecimento das terras Indígenas e das garantias da constituição de 1988, destinadas ao seu povo, demonstrando conhecimento da causa. Já, nesse momento da trajetória de Orides, constata-se uma marca que vai permanecer nos anos seguintes: Belino tenta implementar a agricultura comercial, com máquinas, financiamentos, desejando utilizar as terras disponíveis aos Índios com métodos parecidos com o utilizado pelos demais colonos. Esse pensamento também poderia ser reflexo de sua profissão, ele era tratorista²⁰.

Na questão da agricultura, Belino desejava inserir a Terra Indígena Xaçepó no modo capitalista de produção e usufruir dos benefícios e riscos típicos desse sistema, isso não se referia, absolutamente, ao reconhecimento a sua identificação enquanto Indígena, mas, apenas uma escolha quanto ao modo ideal de produção, que na sua visão ajudaria a população local a enfrentar a pobreza e abandono dos órgãos governamentais. Nas fontes pesquisadas não encontrei a expressão ‘agricultura de subsistência’ ou agricultura tradicional entre as frases pronunciadas por Orides.

Para pensar a chegada do Orides Belino Correia da Silva ao comando da Terra Indígena Xaçepó, necessita recorrer ao cenário contextual de anos anteriores, principalmente no mandato do Cacique Valdo Correia (Valdão), nos anos de 1998 e parte de 1999. A partir do dia 23 de março de 1999 a imprensa Catarinense²¹ apresentou matérias sobre um tiroteio com dois mortos e vários feridos, envolvendo o Cacique Valdo e a milícia Indígena contra uma família de colonos brancos e uma guarnição da polícia militar de Santa Catarina, no interior da TI Xaçepó.

O Cacique Valdo respondia a vários inquéritos por crimes como estupro, aliciamento de menores, cárcere privado e extorsão. Pela falta de efetivo da Polícia

²⁰Jornal Correio Brasiliense. Pág. 20. Brasília, Distrito Federal. 20 de agosto de 2000. Disponível em pib.socioambiental.org/anexos/33220_20151217_142027.pdf. Consulta realizada em 24/05/2016

²¹ Jornal A Notícia, geral. Joinville 27 de março de 1999. PRISÃO DE CACIQUE DEPENDE AGORA DA JUSTIÇA FEDERAL. Disponível em; www1.an.com.br/1999/mar/27/0ger.htm Consulta em 01/05/2016

Federal na região, a justiça federal determinou que a força pública estadual cumprisse o mandado de prisão contra o Cacique Valdo. O confronto ocorreu na casa de um arrendatário de terras da TI Xaçecó de nome Reni Mendes, no momento em que Valdo e sua milícia foram cobrar a taxa de arrendamento das terras (trinta e cinco por cento da produção). Valdo não foi detido naquele momento, mas, ficou gravemente ferido e, apesar desse novo episódio o mandado de prisão contra Valdo não é cumprido e ele permanece em liberdade.

O cenário naquele período na TI Xaçecó era de extrema agitação e instabilidade. A comunidade estava sem comando e temerosa pela repercussão dos acontecimentos envolvendo seu líder. Nesse ambiente se destaca a figura de Orides Belino, que parece ser um nome de consenso entre seu povo, e, alguns dias após os acontecimentos de 23 de março de 1999 ele assume o Cargo de Cacique. Entretanto, aceita o posto com condições, algumas estão subtendidas e serão abordadas e pensadas no decorrer desse capítulo, outras estão bem claras nas fontes pesquisadas. A primeira condição imposta por Orides para assumir a TI Xaçecó, foi a realização de eleições diretas para Cacique²², onde todos os moradores acima de 14 anos participaram. Assim, ele foi eleito pela maioria da população. A segunda condição foi a realização e um desarmamento da população e auxílio do governo na segurança da Terra Indígena Xaçecó.

Pelos dois feitos iniciais de Orides Belino já é possível começar a entender seus métodos. Vemos que ele conhecia muito bem a comunidade Indígena da TI Xaçecó e ao propor eleições diretas²³, queria dizer que estava rompendo com a fórmula antiga de escolha do Cacique, baseada no parentesco e nas indicações. Também criava um sentimento de legitimidade em torno de seu nome, afinal havia sido eleito pelo povo e sendo eleito, ele passou a ser o representante daquela população, e, em tese de seus votos, isso poderia ter um peso maior na busca de recursos para concretizar seus planos pessoais e para o povo da Terra Indígena Xaçecó.

Demonstrava querer ter uma forma de relação mais próxima entre o povo indígena e o Cacique ao dizer em uma entrevista que: “O cargo de Cacique não pode ter caráter imperial, nós cometemos muitos erros, somos passageiros e temos uma vida curta”. (Correio Brasiliense, 20/08/2000. Pág. 21).

²²Jornal Correio Brasiliense. Pág. 20. Brasília, Distrito Federal. 20 de agosto de 2000. Disponível em pib.socioambiental.org/anexos/33220_20151217_142027.pdf. Consulta realizada em 24/05/2016

²³ Jornal Diário Catarinense, Florianópolis. 21 de março de 2003. TRIBO ELEGE E DEPÕE CACIQUES Disponível em: pib.socioambiental.org/pt/noticias?id=7317 Consulta em 24/05/2016

Seguia inovando ao propor e conseguir o desarmamento da população Indígena, que naquele momento possuía muitas armas de fogo. Ainda obteve, das autoridades federais e estaduais, a garantia de sua própria segurança, visto que entre os anos 2000 e 2003 uma guarnição de cinco policiais militares permaneceu atuando dentro da Terra Indígena Xaçecó, fato que não havia precedente e nem ao menos está prevista na legislação brasileira. A Polícia Federal, a quem cabe a manutenção da ordem nas Terras federais, não tinha efetivo suficiente disponível na região, isso foi o argumento usado para manter a força estadual na TI Xaçecó²⁴.

Durante discurso do governador do Estado de Santa Catarina, Esperidião Amim, na Assembleia legislativa na sessão do dia 15 de maio de 2003²⁵, ele afirma que, no dia 23 de março de 1999 a imprensa repercutia o confronto e as mortes na Terra Indígena Xaçecó. Seguiram-se dias de reuniões tensas com vários órgãos e pouco tempo depois os Índios estavam depondo as suas armas e entregando-as as autoridades. Amim fala, ainda, que já no dia 09 de junho de 1999, lançava o fruto dos ‘compromissos assumidos’ e iniciava a licitação para a construção das estruturas da escola Cacique Wanhkré, do ginásio e do centro cultural, na Aldeia Sede na TI Xaçecó.

Esse é o ponto que precisa ser pensado. Ao falar de ‘compromissos assumidos’ com a comunidade após ‘tensas negociações’, Amim deixa subtendido que ouve uma espécie de troca, onde o governo que estava se desgastando em razão do descontrole na TI Xaçecó, impulsionado após a intervenção da Força Pública Estadual e necessitando retomar o controle da situação. Nesse momento era necessário um membro da comunidade Indígena com condições de acalmar a população e ao mesmo tempo ser aliado do governo, e, Orides Belino torna-se a melhor opção. Entendo que quando o governador Amim fala de compromissos assumidos com a Comunidade, está dizendo ‘compromissos assumidos com Orides Belino’, o qual soube utilizar as situações que se apresentaram a seu favor.

Os benefícios mais importantes para a Terra Indígena Xaçecó nos anos do mandato de Orides Belino foram nas áreas da agricultura, com a assinatura do primeiro contrato do Pronaf, para uma Terra Indígena e liberação de recursos para financiamento agrícola, isso reafirmava seu objetivo de implantar a agricultura comercial na TI. Na

²⁴O autor do presente trabalho participou das operações policiais dentro da TI Xaçecó, atuando como policial militar do Estado de Santa Catarina.

²⁵ Disponível em:

www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=3&nuSessao=083.1.52.O&nuQuarto=10&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=14.1 Consulta em 02/05/2016

educação, com as construções temáticas da Escola Cacique Wanhkré e suas inovações tecnológicas (internet), fato que chamava a atenção porque naquela época essa ferramenta não havia nas demais escolas públicas da região. Essa obra tornou-se um símbolo daquele espaço e tornou o local visível aos olhos de fora da Terra Indígena Xapecó.

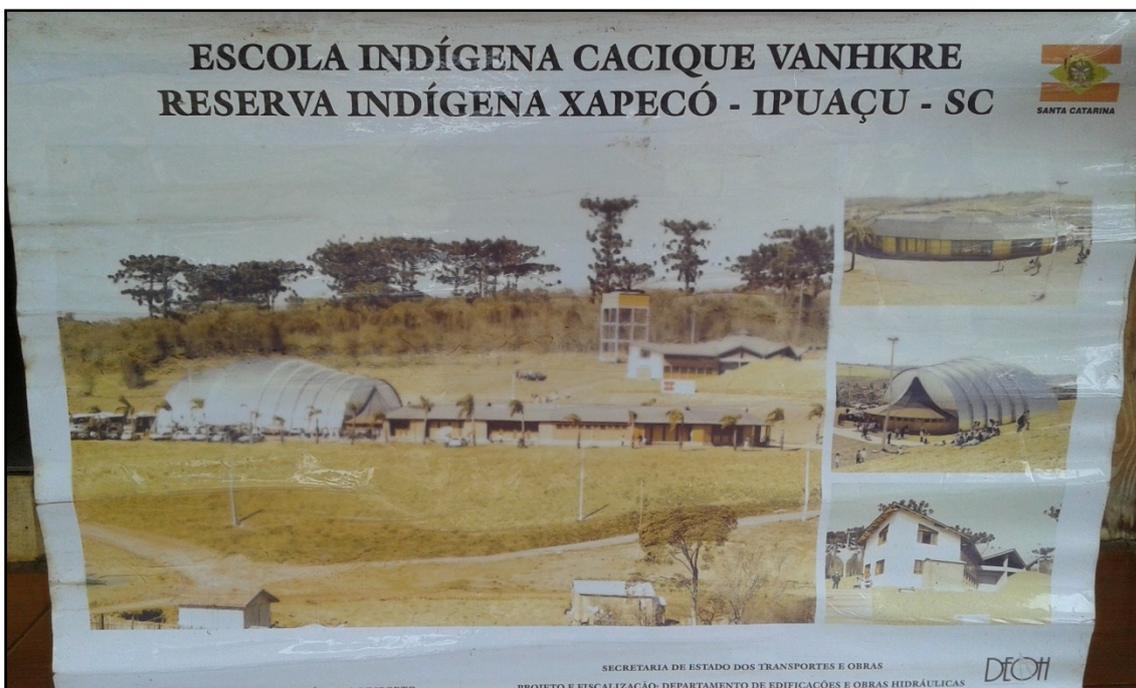


Figura 5 - Escola Cacique Vanhkre

Fonte: Cartaz de inauguração da Escola, 2001. Arquivo familiar.

O Cacique Orides, possuía pouca instrução formal, apenas a quarta série do ensino fundamental, entretanto, a educação dos Indígenas era uma das suas metas. Em uma entrevista realizada na Universidade Estadual do Mato Grosso (Unemat), no ano de 2001, ele comemorava a aprovação no vestibular de três Indígenas de Xapecó, os quais iriam cursar licenciaturas naquela instituição e, naquele momento isso era de extrema necessidade, considerando que a maioria dos professores Indígenas não possuía diploma universitário.

Orides diz que sua própria experiência de baixa escolaridade, o fez acordar para a nova realidade, e, que incentivava o ensino para ‘seus’ índios porque vivemos em uma sociedade que nos discrimina, por causa de nossa falta de educação²⁶. Fala ainda que no ano de 1994 foi criado em Xapecó, a primeira escola de nível médio dentro de uma TI, fruto de seu esforço. Na fonte analisada aparece uma curiosidade que não foi localizada

²⁶ Jornal O Estado de São Paulo. SP. 24 de junho de 2001: INDIO QUER ENSINO SUPERIOR E MENOS PRECONCEITO. Disponível em: pib.socioambiental.org/es/noticias?id=3020
Consulta em 05/05/2016.

nas demais: O nome ‘Indígena’ de Orides Belino é Kahtir, que significa ‘madeira verde’.

Orides, que seguidamente usava a sua própria pessoa como exemplo, manteve no seu mandato de Cacique as conversações e discussões com a Funai. Em uma de suas falas durante a escolha do novo administrador da Funai, sede em Chapecó, ele diz que “os Cacicques se sentiram no direito de participar da escolha de quem vai trabalhar com os Índios”²⁷. Mantinha o discurso de auto determinação dos indígenas frente à Funai.

Outra marca do Cacique Orides foi o incentivo à prática de esportes por parte dos jovens da Comunidade Indígena Xaçecó. Eles participaram e ganharam campeonatos de futebol a nível Estadual fora da TI (moleque bom de bola)²⁸. Essa escolha também levou a um evento que ocorreu no ano de 2001; O encontro esportivo na Aldeia Sede com a participação de 500 Índios de 11 localidades do sul do Brasil, compostos das várias Etnias. O incentivo ao esporte parece ser uma forma de elevar o nome da Terra onde Orides é líder, e, a vinda de tantas pessoas a Xaçecó para o encontro esportivo reforça a ideia de Belino enquanto líder Indígena Catarinense. Inclusive, foi uma forma de expor as estruturas construídas na TI em seu mandato e isso demonstraria sua condição de administrador eficiente.

No atendimento a Comunidade Indígena, em suas diversas demandas internas, vemos outro lado do personagem. Ele recebia em sua própria casa, durante as noites, a população que lhe trazia suas causas e necessidades, isso está registrado nas fontes pesquisadas²⁹. Era comum que a área em frente sua casa na Aldeia Sede estivesse sempre cheia de moradores, em volta de uma roda de chimarrão discutindo assuntos diversos, isso demonstrava o caráter populista do Cacique ou mesmo ou pouco de paternalismo. O Cacique exerce um cargo de representatividade e possui assistentes, porém, as decisões mais complexas dependem dele e, também, chegam os problemas de cotidiano como encaminhamento de doentes, bebedeiras ou falta de alimentos, o que era solucionado ou encaminhado com presteza.³⁰

²⁷ Jornal Diário Catarinense, Florianópolis. 24 de maio de 2001: FUNAI TEM NOVO ADMINISTRADOR Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/es/noticias?id=3010> Consulta em 02/05/2016.

²⁸ Disponível em:

www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=3&nuSessao=083.1.52.O&nuQuarto=10&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=14.1

²⁹ Diário Catarinense, Florianópolis. 28 de janeiro de 2002, Notícias. CACIQUE CAINGANG É PREFEITO NO OESTE. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/es/noticias?id=3931> Consulta em 26/05/2016

³⁰ Presenciado pelo autor do trabalho, quando em serviço na TI Xaçecó.

O Cacique da Terra Indígena Xapecó, Orides Belino, não se limitava a apenas uma agenda a nível de sul do Brasil, fontes jornalísticas³¹ mostram sua participação em congressos e eventos nas outras regiões do país. No ano de 2001 aconteceu na cidade de Belém do Pará a Conferência Nacional Dos Povos Indígenas, esse encontro teve a participação de 76 Etnias e lançou a seu final o objetivo comum a ser alcançado pelo povo Indígena brasileiro: “Por fim a discriminação racial e social e exigir a garantia dos direitos constitucionais dos Índios” (O Liberal, 18/06/2001), entre outras reivindicações, o documento assinado pelos líderes Indígenas brasileiros pedia a implantação de um plano nacional de educação direcionado aos Índio do Brasil, cujo projeto político-pedagógico tivesse a participação Indígena na sua elaboração. Os debates também destacaram a participação Indígena na política Brasileira, tendo sido anunciado que naquele mesmo ano de 2001, seria realizado o 1º Congresso de Parlamentares Indígenas na cidade de Florianópolis SC.

Orides Belino é entrevistado enquanto representante dos povos Indígenas de Santa Catarina. Ele destaca a diferença natural existente entre as Terras Indígenas do norte e do sul do Brasil, afirmando que os povos do norte dispõem de grandes florestas e rios, com muitos recursos de caça e pesca que pode ser usado para alimentar o povo, enquanto no sul do país a alternativa para os Índios é a agricultura. Nesse momento o Cacique já era vice prefeito de Ipuacú e daquela reunião na distante Belém do Pará, fica agendado o Congresso em Santa Catarina, vejo que isso mostra dois aspectos do personagem; Líder que participa dos debates de seu povo e que exerce influência a nível nacional, porque consegue trazer para seu Estado um evento de grande porte. Também é possível pensar que as ações de Orides visavam sua própria projeção e que Florianópolis era o local onde tinha sua base de apoio político (leia-se Esperidião Amim).

Orides Belino executa uma estratégia de unir os Índios da Terra Indígena Xapecó em apenas um partido, o Partido Popular Socialista- PPS. Também, desejava ser candidato a prefeito da cidade de Ipuacú nas eleições do ano 2000, contando com o apoio do governador Esperidião Amim e dos eleitores da Terra Indígena que eram a metade da população da cidade³². Ao contrário de sua declaração e por algum motivo

³¹ O Liberal, Belém do Pará 18 de junho de 2001. INDIOS PEDEM GARANTIA E SEUS DIREITOS. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/es/noticias?id=2988>. Consulta em 26/05/2016

³² Jornal Correio Brasiliense. Pág. 20. Brasília, Distrito Federal. 20 de agosto de 2000. Disponível em pib.socioambiental.org/anexos/33220_20151217_142027.pdf. Consulta realizada em 24/05/2016.

não esclarecido nas fontes, as articulações políticas definem que Orides disputaria o cargo de vice prefeito.

Um acontecimento relevante é que o Cacique deposto por Orides, Valdo Correia (Valdão) disputou a eleição daquele ano para vereador, também pelo PPS, o que reforça a ideia de que naquele período, algum interesse fez os Indígenas da Terra Indígena Xaçecó se unirem politicamente nas eleições da cidade, mesmo que fossem adversários declarados nas disputas internas. Outro fato que merece ser analisado para entender aquele contexto das articulações TI Xaçecó é que ‘Valdão’ permanecia sem julgamento dos crimes pelos quais era acusado³³, com a liberdade de se candidatar a um cargo público. Isso levou a história que estou resgatando através das fontes jornalísticas a um fim trágico e será novamente mencionado no próximo subcapítulo desse trabalho, quando forem analisados os acontecimentos do ano 2003.

O cargo de Cacique de uma Terra Indígena é eminentemente político e, quando se tornam conhecidos normalmente são chamados e aceitos pela ‘política branca’ porque representam os votos da sua Comunidade, apesar das divisões que sempre existirão. Os Kaingang têm participado ativamente da política das cidades onde se localizam suas Aldeias. A articulação e as relações entre a política externa e a política interna dos Kaingang, ao longo dos anos, trouxe transformações e consequências para a Comunidade Indígena (Nacke, 2007, p. 42).

Na sequência da trajetória do Cacique Orides Belino, abordarei sua atuação na ‘política branca’ e consequências disso para a Terra Indígena Xaçecó.

³³ Jornal A Notícia, Joinville SC 27/03/1999. PRISÃO DE CACIQUE AGORA DEPENDE DA JUSTIÇA FEDERAL Disponível em <http://www1.an.com.br/1999/mar/27/0ger.htm> Consulta em 25/04/2016

3.1 O CACIQUE ORIDES BELINO ATUANDO NA ‘POLITICA BRANCA’.

Em entrevista³⁴, durante os encontros e debates do 1º Congresso de Parlamentares Indígenas do Brasil realizado na cidade de Florianópolis, Orides Belino faz um pronunciamento que resume seu pensamento sobre a atuação Indígena na política: “Pretendo usar a política para reivindicar em favor dos Índios, a política é um meio de nos articularmos”. (Diário Catarinense, 23/08/2001).

Abaixo reproduzo um ‘santinho’, propaganda política onde aparece o candidato a vice prefeito de Ipuacú, Orides Belino, ela já está bem desgastada pelo tempo visto que foi produzida no ano 2000, tendo, portanto, mais de 16 anos. Essa propaganda foi entregue ao autor do trabalho pelo senhor Júlio Narciso, 61 anos, o senhor Júlio foi Capitão na Terra Indígena Xaçepó durante o mandato do Cacique Orides e, carregava a propaganda em sua carteira de bolso como uma lembrança do Cacique Orides. Ele entregou-me a propaganda com a condição de que ela fosse devolvida, pois tinha um valor sentimental para ele.



Figura 6 - Propaganda Política

Fonte: Arquivo pessoal do senhor Júlio Narciso.

³⁴ Jornal Diário Catarinense, Florianópolis SC 23/08/2001. ENCONTRO DE ÍNDIOS-POLITICOS. Disponível em www.indios.org.br/pt/?search=orides%20belino Consulta em 27/05/2016

O Cacique Orides Belino Correia da Silva torna-se vice prefeito e Luiz Antônio Seraglio Prefeito da Cidade de Ipuacú nas eleições do ano 2000, eles foram eleitos com 1884 votos (TRE-SC/Eleições 2000-2004), embora Belino “desejasse já naquela eleição disputar o cargo de prefeito”³⁵. A eleição de um Indígena ao cargo de vice prefeito não teve muita repercussão nos meios de comunicação da região. Entretanto, quando Orides Belino assume a função de prefeito em exercício de Ipuacú e dessa forma foi o primeiro Indígena a chegar esse cargo no sul do Brasil, houve destaque na imprensa escrita³⁶. No geral, as matérias destacam a proximidade de Orides com o então governador do Estado de Santa Catarina Esperidião Amim e a constante busca do Prefeito por recursos.

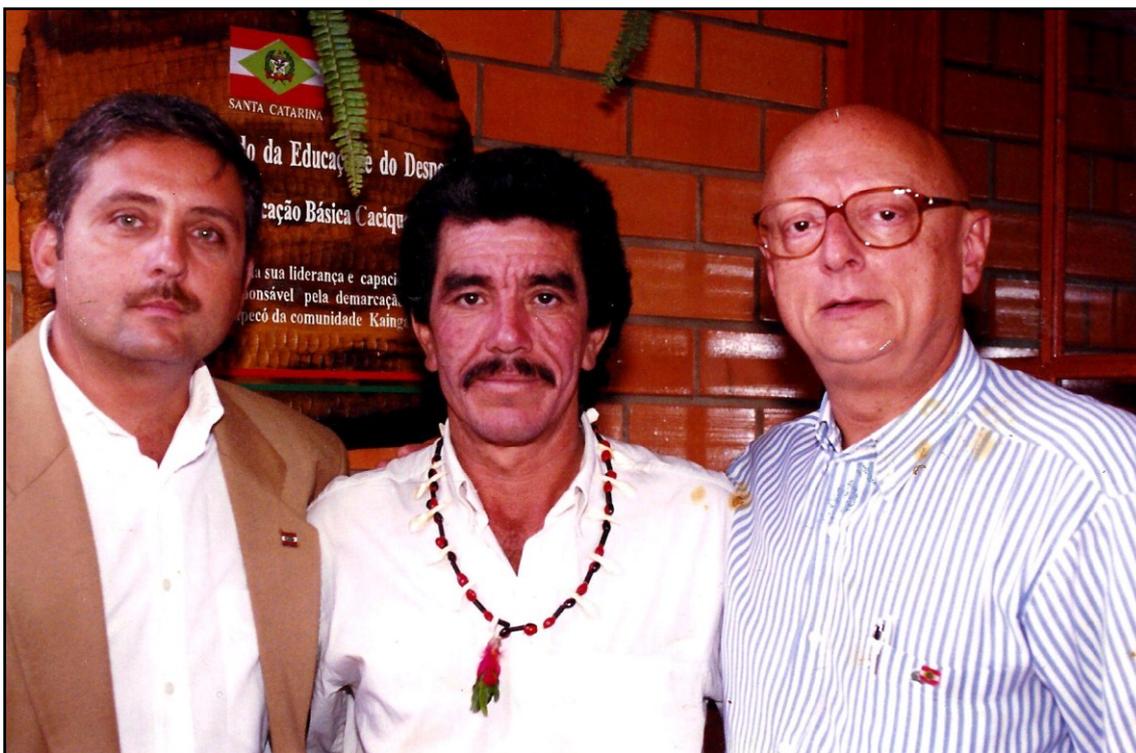


Figura 7 - Orides com Governador Amim
Fonte: Arquivo familiar

No dia 07 de janeiro de 2002, Orides Belino assume a prefeitura de Ipuacú e torna-se o primeiro Indígena a ocupar o cargo no sul do Brasil. Esse fato por si mesmo já se constitui em fator importante na História regional do Oeste Catarinense, e, teve destaque. Nas entrevistas Belino explicava a forma que permitia a ele conciliar as funções típicas de prefeito com as de Cacique: fazia turno dobrado atendendo na prefeitura durante o dia e a população Indígena nas noites.

³⁵ Jornal Correio Brasiliense. Pág. 21. Brasília, Distrito Federal. 20 de agosto de 2000. Disponível em pib.socioambiental.org/anexos/33220_20151217_142027.pdf. Consulta realizada em 24/05/2016

³⁶ Diário Catarinense, Florianópolis- SC. 28 de Janeiro 2002. CACIQUE CAINGANG É PREFEITO NO OESTE. Disponível em: pib.socioambiental.org/es/noticias?id=3931 Consulta em 26/05/2016

Comentava que o povo indígena já estava vendo os frutos das articulações políticas e que nas próximas eleições disputaria o cargo de prefeito, porque contava com os votos de metade da população de Ipuacú, porém, atende de forma igual os moradores de outras etnias. Dizia que queria ser exemplo para a população.

A população da cidade, composta por várias etnias, estava apoiando sua forma de administrar o município, e que sua experiência de Cacique e funcionário da Funai estava ajudando na busca de recursos para o município. Dizia ainda que era mais fácil administrar a cidade porque havia mais recursos disponíveis para seus projetos, enquanto na Terra Indígena tinha que usar a criatividade e conscientização da própria Comunidade.

Orides fazia constantes viagens a Florianópolis e a Brasília. Já no primeiro mês em que assumiu a prefeitura de Ipuacú, viajou a Capital Federal para tratar assuntos da implantação de barragens no rio Chapecó. Para capital federal, Orides já havia feito outras viagens em sua condição de cacique da Terra Indígena Xaçecó. Em uma delas, no ano de 2001 foi recebido pelo Presidente da República Fernando Henrique Cardoso.



Figura 8 - Orides entregando projetos ao Presidente
Fonte: Arquivo familiar

No cargo de prefeito, Orides queria melhorar as estradas do interior para escoar a safra de grãos e conseguir material esportivo para realizar o campeonato municipal de futebol, os quais estavam parados a alguns anos.

Destacava sua aproximação política e amizade com o Governador da época; Esperidião Amim, apesar de serem de partidos diferentes.

Ainda no mês de janeiro de 2002 uma matéria do Diário Catarinense intitulada: “Cacique consegue promessa de verba”³⁷, trazia que o prefeito Orides Belino conseguiu do governo do Estado, a quantia de 1 milhão para ser investidos no município, sendo que as obras mais importantes a serem realizadas com o dinheiro eram: a melhoria de um trecho da SC 480, que cortava o município passando pela Terra Indígena Xaçepó e o início da construção de um ginásio e da reforma de duas escolas. A matéria ainda trazia depoimento do governador Esperidião Amim dizendo que iria a Terra Indígena quando as obras fossem inauguradas.

Ao pensar nesses registros, que agora fazem parte das poucas fontes escritas sobre o prefeito Orides Belino, vemos muitas particularidades que merecem destaque, pois, revelam ações do personagem, ajudando a entender sua trajetória e relações políticas. Orides viajava constantemente para Florianópolis e Brasília, onde segundo ele próprio, tinha conhecimento prévio por já ser Cacique e funcionário público Federal, isso pode ser constatado pela análise das matérias jornalísticas e dos registros fotográficos.

Apenas no mês de Janeiro de 2002, durante sua estada como prefeito em exercício de Ipuacú, Orides deslocou-se a Florianópolis e a Brasília. Em Florianópolis consegue a promessa de verbas para o município e em Brasília vai tratar de assuntos mais complexos envolvendo a instalação de barragens no Rio Chapecó, em território de Ipuacú. Chama atenção o fato de que Orides era prefeito em exercício e, justamente naquele momento vai a Capital Federal discutir a instalação de barragens no município. Isto faz pensar que não assumiu a prefeitura naquele momento ao acaso e sim de forma premeditada com o titular do cargo, ‘talvez’ algum fator em relação a sua condição de Indígena ou sua eloquência no discurso foram determinantes para esses fatos terem ocorrido. As Barragens foram construídas entre os anos de 2002 e 2004 em Ipuacú.³⁸

Em relação à Comunidade Indígena, Orides utiliza sua condição de prefeito e obtêm melhorias na SC 480 (rodovia estadual que liga a cidade de Bom Jesus a Ipuacú),

³⁷ Jornal Diário Catarinense, Florianópolis SC, 30 de janeiro de 2002. CACIQUE CONSEGUE PROMESA DE VERBA. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/noticias?id=3978> Consulta em 01/05/2016

³⁸Foi construída uma represa e usina elétrica na Comunidade Quebra Queixo, no Rio Chapecó território de Ipuacú. O local se transformou em ponto turístico da região e junto com a agricultura são as maiores fontes de renda ao município. Essa Comunidade é próxima, mas não faz divisa com a Terra Indígena Xaçepó.

via que atravessa a Comunidade Indígena de Pinhalzinho. Naquele local ocorriam muitos acidentes pela falta de sinalização e estrutura para conciliar a travessia dos veículos e os moradores do local.³⁹

O discurso do prefeito Orides não era diferente do Cacique Orides. Na prefeitura de Ipuacú, procurou incentivar o esporte (futebol) e melhorar as estradas para escoar a produção agrícola. Parece repetição das suas ações na Terra Indígena Xaçecó, com exceção da sua atenção para a educação Indígena, na qual se inclui as obras da escola Cacique Wanhkrê. Em relação à agricultura comercial, pude perceber que era um dos objetivos centrais na perspectiva de realizações de Orides Belino, parece que sua experiência fora da Comunidade Indígena influenciava para isso.

Na função de prefeito, Orides mantinha relações que se confundia com sua condição de Cacique. Um exemplo dessa mescla de funções foi a sua participação no encontro para tratar de temas Indígenas ocorrido na cidade de Belém do Pará, onde Orides participou representando os Índios catarinenses, entretanto, de lá já foi anunciado a data, o local e o tema do próximo encontro dos líderes Indígenas brasileiros. O 1º Congresso de Parlamentares Indígenas ocorreu em Florianópolis SC, Capital do Estado onde Belino era prefeito de uma cidade. Embora não esteja escrito de forma explícita nos jornais, pela análise fica tangível a percepção de que o Congresso de Políticos Indígenas foi articulado por Orides, e, isso mostra que naquele momento ele exercia algum nível de influência entre os povos Indígenas a nível nacional.

No Congresso de Florianópolis⁴⁰, foi discutido pelos participantes, a maioria vereadores, prefeitos e vice-prefeitos de todo o Brasil, que o único meio de manter os direitos adquiridos e reverter os 500 anos de dominação ‘branca’ é através da organização política. Ou seja, para liberta-se do jugo e dominação, usa-se a política comum na esfera dos ‘brancos’. Também havia discussões se a participação do Índio na política tradicional resultaria na perda de identidade enquanto povo, o que foi debatido que ao contrário disso, quanto maior fosse o interesse dos Índios pela política, menor seria o poder de manipulação por parte da população branca. Ficaram traçado alguns objetivos comuns no Congresso, entre eles havia o propósito de eleger deputados Estaduais e Federais Indígenas nas eleições dos anos seguintes.

³⁹ Foram feitas melhorias na SC 480, porém não supriu as deficiências e o local ainda hoje é palco de protesto por mais atenção das autoridades, por que continuam ocorrendo acidentes com a população Indígena.

⁴⁰ Jornal Diário Catarinense, Florianópolis SC 23/08/2001. ENCONTRO DE ÍNDIOS-POLITICOS. Disponível em www.indios.org.br/pt?search=orides%20belino Consulta em 27/05/2016

Pelos registros das matérias jornalísticas vemos que o vice prefeito de Ipuacú, soube aproveitar os períodos em que assumia a titularidade na prefeitura, ele fazia valer sua experiência anterior e os contatos que já havia estabelecido, praticava a política visando sua projeção futura, a começar pela disputa da própria prefeitura de Ipuacú nas eleições municipais de 2004 ao cargo de prefeito.⁴¹

No geral, os políticos são lembrados pelas suas obras, coisas físicas, tangíveis a ponto de estabelecer uma relação entre a pessoa e a estrutura que foi construída em um período, também lembramos de alguns homens públicos ao falarmos de determinada conquista social ou de um grande fracasso na condução do estado. Orides Belino deixou para sua memória o legado presente nas estruturas matérias da TI Xapecó: Escola, ginásio e centro cultural, construídos no seu mandato de Cacique, além de ter contribuído com a parte social de seu povo ao incentivar que os Índios buscassem a educação formal e o envolvimento político enquanto forma de estabelecer um ciclo de desenvolvimento e reconhecimento da sua própria importância na sociedade brasileira.

Na condição de prefeito, Orides Belino era diferente dos demais políticos da região, pela sua condição étnica e mobilidade com que mantinha suas articulações. O governador Esperidião Amim, em um discurso póstumo o definiu assim: “Orides foi uma liderança criativa e positiva”. (A Notícia 15/03/2003). Nos demais aspectos ele se assemelhava, porque melhorar as condições de estradas para escoar a produção agrícola é algo corriqueiro aos demais prefeitos de pequenas cidades, que tem na agricultura sua principal fonte de impostos.

Quando da sua chegada à prefeitura de Ipuacú, Orides Belino disse que queria ser exemplo e isso podia ser entendido por um exemplo na forma de administrar ou que ele estava falando que queria inspirar outros Índios a seguir seus passos. Hoje, um de seus apoiadores, senhor João Maria Roque, Kaingang morador da Aldeia Paiol de Barro é prefeito na cidade de Entre Rios, continuando a obra de inserção dos Indígenas na ‘política branca’ regional.

No ano de 2003, a trajetória política, assim como a vida de Orides Belino Correia da Silva, tem um fim trágico. Para compreender a dinâmica de seu assassinato é necessário voltar aos anos de 1998 e 1999 e analisar os acontecimentos envolvendo a saída do Cacique Valdo Correa e a eleição de Orides para Cacique da Terra Indígena Xapecó.

⁴¹Diário Catarinense, Florianópolis- SC. 28 de Janeiro 2002. CACIQUE CAINGANG É PREFEITO NO OESTE. Disponível em: pib.socioambiental.org/es/noticias?id=3931 Consulta em 26/05/2016

3.2 A MORTE DE ORIDES BELINO

Orides Belino foi assassinado⁴² na noite de 06 de maio de 2003 vítima de disparos de arma de fogo, sendo atingido pelas costas por projeteis de espingarda⁴³, o crime ocorreu na comunidade de Samburá, pertencente a Ipuacú. Os autores do homicídio foram condenados em julgamento da justiça federal no ano de 2004, e, entre eles estava seu próprio irmão, Valdo Correia da Silva. O fato do envolvimento de seu irmão no crime por si só já chama a atenção, mas os acontecimentos registrados nos anos 98 e 99 precisam ser pensados também, porque parecem estar relacionados com o fim trágico da História.



Figura 9 - Morte de Orides noticiada

Fonte: Jornal A Notícia Disponível em: www.an.com.br Consulta em 10 junho de 2016

⁴² Jornal O Globo, Rio de Janeiro RJ, 08 de maio de 2003, pág. 12. VICE PREFEITO DE IPUACÚ, QUE ERA CACIQUE DE XAPECÓ, É ASSASSINADO. Disponível em; pib.socioambiental.org/anexos/14487_20100727_223222.pdf Consulta em 29/05/2016.

⁴³ Arma de cano longo, com grande poder de destruição devido a espessura de seus projéteis.

Conforme foi relatado no presente trabalho, Orides já era líder da TI Xaçecó, mas só assume o cargo de Cacique após uma série de eventos envolvendo seu irmão, o Cacique Valdo Correia que respondia a acusações de estupros, cárcere privado, estelionato, entre outros delitos e, ao que consta nos registros iniciais tinha contra si um mandado de prisão, o que resultou na ida da Força Pública à Terra Indígena e no confronto entre Valdo e a milícia Indígena contra os policiais. Esse acontecimento repercutiu e culmina com a substituição de Valdo por Orides no comando da Terra Indígena.

No discurso feito na Assembleia Legislativa de Santa Catarina pelo governador da época Esperidião Amim, encontra-se registrado que, após os acontecimentos na Terra Indígena Xaçecó, se seguiram ‘tensas reuniões’ e que ‘compromissos’ foram assumidos com a Comunidade Indígena. Segundo Esperidião Amim as estruturas destinadas a educação, ao esporte e a cultura, construídas na Aldeia Sede faziam parte desse acordo, entretanto, dois fatos contemporâneos merecem ser incluídos nessa análise. A presença da polícia militar na Terra Indígena e a permanência de Valdo Correia livre, apesar de ter contra si mandados de prisão e várias investigações criminais.

Em relação à polícia militar, fato único até então, da força Estadual de segurança atuando em uma área federal, fica fácil de entender porque a polícia federal não tinha efetivo disponível e era necessário apoio, para que Orides estabelecesse a ordem no local e também tivesse a sua própria segurança garantida, assim a justiça federal entendeu ser essa a solução possível. O posto da polícia militar foi instalado em uma casa ao lado da residência de Orides na Aldeia Sede, assim a Polícia Estadual atendia a Comunidade Indígena em situações de violência, bebedeiras ou mesmo em auxílios a saúde. Porém, o fator simbólico da presença do Estado visava a proteção de Orides, sendo mais uma forma pelo qual ele mostrava sua influência junto às autoridades da época, para os próprios Índios de sua influência.

Valdo Correia permaneceu sem condenação, no ano de 2000 se candidatou a vereador e, em 2003, planejou e participou do assassinato de Orides porque queria retomar o cargo de Cacique. Os outros Indígenas que participaram do crime queriam ocupar espaços na política que surgiriam com a morte de Orides. As fontes não revelam, porém, fica evidente que a demora no julgamento de Valdo ‘poderia’ ser um dos compromissos assumidos pelas autoridades nas ‘tensas reuniões’ de que falou Amim. O fato concreto é que a demora permitiu a Valdo se organizar, planejar e executar seu plano de retomar o controle da Terra Indígena Xaçecó, e, dada a popularidade de

Orides, que havia sido eleito novamente em 2003 para mais um mandato de Cacique, restou para Valdo a alternativa de assassiná-lo.

Quando Orides Belino foi assassinado, a polícia militar de Santa Catarina ainda atuava na Terra Indígena Xaçepó. Entretanto, o crime ocorreu fora da Comunidade Indígena, na Linha Samburá, local para onde ele havia ido morar após ter se separado da esposa e assumido novo relacionamento. Várias foram as Hipóteses dos motivos do crime: crime político, crime passional, ou que o assassinato foi provocado pelas disputas internas e ameaças que Orides sofria⁴⁴.

As fontes disponíveis em jornais⁴⁵ revelam que foram cinco pessoas denunciadas no crime pelo Ministério Público Federal, todos Indígenas: Valdo Correa da Silva (irmão de Orides), Sadí Ribeiro Lemos, Avelino Ribeiro, Claudir Martins, além do vereador de Ipuacú, José Carlos Gabriel que foi denunciado mas recorreu e escapou do julgamento naquele que foi o primeiro Júri Federal da Região Oeste⁴⁶, realizado na cidade de Chapecó no dia 27 de abril de 2004. Um fator que prejudicou a investigação foi a morte por causas naturais da segunda esposa de Orides, ocorrida antes do julgamento dos suspeitos.

A possibilidade de crime passional foi afastada e os procuradores da República apontaram dois principais motivos da morte de Orides: Valdo Correa queria retornar ao cargo de Cacique da TI Xaçepó e José Carlos Gabriel queria ser prefeito de Ipuacú. Portanto, na visão dos promotores as provas dos autos levavam a tese da acusação para crime político e disputas internas na TI Xaçepó.

Os réus foram condenados no júri a diversas penas, conforme seu grau de envolvimento e, Valdo Correa recebeu a maior pena e a determinação para o cumprimento integralmente em regime fechado, ao todo ele foi condenado a 18 anos e 08 meses de reclusão. Sendo que a pena de Valdo, definido como o mentor intelectual⁴⁷ do crime, foi maior, porque no direito penal o crime praticado contra um familiar é um

⁴⁴Jornal O Globo, Rio de Janeiro RJ, 08 de maio de 2003, pág. 12. VICE PREFEITO DE IPUAÇÚ, QUE ERA CACIQUE DE XAPECÓ, É ASSASSINADO. Disponível em: pib.socioambiental.org/anexos/14487_20100727_223222.pdf Consulta em 29/05/2016.

⁴⁵ Jornal Diário Catarinense, Florianópolis SC 28 de abril de 2004. ACUSADOS DE MATAR CACIQUE SÃO JULGADOS. Disponível em: pib.socioambiental.org/pt/noticias?id=11915 Consulta em 29/05/2016

⁴⁶ Esse crime foi julgado pela Justiça Federal por envolver um Cacique. Os crimes comuns são julgados pela Justiça Estadual.

⁴⁷Ministério Público Federal, Florianópolis SC, 28 De abril de 2004. JÚRI CONDENA RÉUS POR MORTE DE LÍDER INDÍGENA. Disponível em: pib.socioambiental.org/c/noticias?id=11922 Consulta em 29/05/2016.

item de agravamento da pena (Art. 61 do CP).⁴⁸ Avelino Ribeiro Lemes, responsável pelo disparo que causou a morte de Orides foi condenado a 17 anos de prisão. Claudir Martins foi condenado a 16 anos de prisão fechada e Sadi Ribeiro Lemes recebeu pena de 06 anos no regime semiaberto, e, o vereador José Carlos Gabriel não teve condenação, naquele momento.

Gabriel era do mesmo partido de Orides Belino, o PPS e, aparece na contra fase da propaganda política de Orides Belino exposta nesse trabalho. Isto revela a contradição na qual se somaram as disputas internas dos Índios e as manobras da ‘política branca’. Os dados do processo estão disponíveis para consulta pública no site do Ministério Público Federal,⁴⁹ visto que é um processo que já está transitado e julgado, ou seja, já teve uma sentença definitiva, portanto não há restrição ao acesso da informação.

A notícia da morte do vice prefeito da cidade de Ipuacú e Cacique da Terra Indígena Xaçecó teve amplo destaque na imprensa catarinense. O Jornal A Notícia de Florianópolis-SC com circulação Estadual, edição do dia 08 de maio de 2003, trazia na capa a notícia e a imagem dos funerais do Cacique Orides Belino Correa da Silva. No rodapé da Imagem está escrito: Índios da reserva Xaçecó, a maior do Estado, choram a morte de uma das lideranças mais respeitadas do Sul do País⁵⁰.

O assassinato do Cacique Orides Belino também repercutiu nas associações Indígenas a nível de Brasil.⁵¹ Um dia após a ocorrência do crime, em 07 de maio de 2003, a ‘Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira- COIAB’, comunicou o fato ocorrido na maior Comunidade Indígena do Estado de Santa Catarina, enviando carta ao ministro da Justiça Marcio Thomaz Bastos e ao Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, exigindo a apuração do crime. A mensagem exigia a imediata apuração desse e de muitos outros crimes cometidos no Brasil, contra a população Indígena e seus líderes.

⁴⁸ Código de Processo Penal Brasileiro.

⁴⁹ Disponível em: www.prf.mp.br/news/tribunal-condena-quatro-por-morte-de-cacique Consulta em: 29/05/2016.

⁵⁰ Jornal A Notícia, Florianópolis SC, 08 de maio de 2003, Capa. LIDER INDÍGENA ASSASSINADO NO OESTE. Disponível em: www.an.com.br Consulta em: 29/05/2016

⁵¹ COIAB- Manaus AM. LÍDER KAINGANG ORIDES BELINO É ASSASSINADO. Disponível em: pib.socioambiental.org/en/noticias?id=7942 Consulta em 29/05/2016

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou, nas fontes jornalísticas, refazer a trajetória de um personagem singular no Oeste Catarinense, pois, apenas o fato de ser o primeiro Indígena prefeito de uma cidade já deveria colocar o Cacique Orides Belino na História da região, em que pese Ipuacú ser uma pequena cidade. Sabemos que o senso comum, ainda presente na nossa região, coloca o Índio sempre em posição inferior, são adjetivos usados para defini-los: bugre, bêbado, vadio. E, quando os vemos nas cidades vendendo seus artesanatos ou dormindo no chão das rodoviárias, nem damos atenção, “afinal, são Índios”. Orides Belino rompeu com situação de submissão e conformismo ao dizer que tinha condição de administrar dentro e fora da sua Comunidade.

Não busquei a exaltação ou a crítica ao personagem, apenas procurei as poucas fontes disponíveis e me propus a fazer uma análise sistemática e cronológica das aparições de Orides Belino na Imprensa escrita. De forma a entender como se desenvolveu suas relações políticas e no que resultou seu envolvimento na ‘política branca’ para a sua Comunidade. Alguns fatos ligados a Orides estavam expostos de forma clara nas publicações, já alguns acontecimentos necessitaram de uma análise mais criteriosa por estarem nas entrelinhas.

No geral, as matérias não se contradizem e foi possível organizar uma sequência onde um evento vai provocando outros e gerando consequências. É claro que a maior obra realizada na Terra Indígena Xaçecó (escola, ginásio e centro cultural), gerou frutos políticos para Orides e quem o apoiava, e, isso pode ser entendido por um fato concreto a ser incluído em suas realizações, somado a outros na área da agricultura.

Localizei nas fontes jornalísticas e apresentei nesse trabalho dois importantes fatos relacionados ao Cacique Orides, em sua relação com a Comunidade Indígena da TI Xaçecó: o apoio a educação e a união dos Indígenas em torno de um partido na eleição municipal de 2000. Fato confirmado por artigo produzido pelo Indígena da etnia Xerengue José Ubiratan Sompré⁵², do Estado do Pará.

No trabalho produzido por José Ubiratan em 2011, na época graduando em Direito pela Universidade Federal do Pará- UFPA, consta em detalhes como se deu esse

⁵²Sompré, José Ubiratan SUPERANDO OS DESAFIOS RUMO A UNIVERSIDADE. 2011; Disponível em: www.gpec.ucdb.br/projetos/tellus/index.php/tellus/artele/download/233/272 Consulta em 05/05/2016

processo, da busca por melhorias educacionais e união para aumentar a participação política, realizado pelos Indígenas da TI Xapecó, durante o Cacicado de Orides Belino.

Orides foi um político habilidoso, sabia negociar, ir atrás dos recursos e usar sua condição de cacique para relacionamentos pessoais e políticos, era amigo pessoal do governador da época Esperidião Amim, criava condição para estabelecer sua influência. Vejo dois exemplos disso nas fontes: o Congresso de Parlamentares Indígenas de Florianópolis e o Encontro Esportivo com a participação de várias etnias Indígenas realizado nas estruturas TI Xapecó.

Os métodos de Orides na “Política Branca” e no desempenho de sua função de Cacique se completavam. O cacique queria que a Comunidade Indígena se aproximasse do nível de desenvolvimento das demais etnias, para tanto buscou o acesso dos Índios a uma agricultura comercial e uma instrução educacional que os capacitasse para se auto gerir. Ou seja, produzir igual aos “brancos”, receber educação formal parecida, conectada com o mundo exterior, condições que se complementariam para criar um modelo de sociedade que ele “achava melhor para seu povo”, baseada na participação política e na introdução de ideias capitalista nas pessoas sob sua autoridade na Terra Indígena.

Em relação especificamente a Terra Indígena Xapecó e seus moradores, Orides Belino trabalhava visando o controle de todos os aspectos⁵³. O Cacique parecia ter autoconfiança e isso teve consequências, porque ao sair da Aldeia Sede indo residir na Linha Samburá, deixou a proteção que tinha naquele local, pela presença da guarnição da Força Pública.

Na busca de informações, nas leituras sobre o Cacique e após muitas idas a TI Xapecó, cheguei à conclusão que esse nome ainda é muito lembrado pelas pessoas adultas, que conviveram ou ouviram falar dele. Inclusive, solicitaram que seja deixada cópia do trabalho que for produzido na escola Cacique Wanhkrê, para que “as crianças saibam quem foi Orides Belino”.

Analisando as fontes, que tenho convicção de serem bem limitadas e, pensando no personagem, tenho argumentos para sustentar que ele cometeu erros e acertos, o que é normal de qualquer pessoa. Entretanto, a Terra Indígena Xapecó recebeu durante os

⁵³Jornal Correio Brasiliense. Pág. 21. Brasília, Distrito Federal. 20 de agosto de 2000. Disponível em pib.socioambiental.org/anexos/33220_20151217_142027.pdf. Consulta realizada em 24/052016

anos de 1999 e 2003 atenções que não havia tido nos anos anteriores, e, após 2003 voltou ao esquecimento.

As fontes e imagens apresentadas nesse trabalho, conduzem ao entendimento que a atenção direcionada à Terra Indígena Xaçepó no período relatado, foi em parte motivada pela influência política e articulações do Cacique Orides Belino. As estruturas e o diferente, que trazem destaque naquele espaço, foram construídos nesses mesmos anos, isto é fato. Analisando algumas fotos, é possível perceber que os políticos (Orides, Amim) usavam a escola Cacique Wanhkrê, como fundo em suas aparições, talvez para angariar dividendos políticos.

Orides não sabia falar a língua Kaingang, porém no seu período iniciou o ensino misto com língua portuguesa e Indígena na escola Cacique Wanhkrê, esse é um dos poucos pontos que o ligam a ‘tradição’ indígena. No geral, ele usava sim sua condição de índio, entretanto, seus objetivos para a Terra Indígena era a implantação de um modelo de pensamento e produção parecido com o do mundo exterior da sua Comunidade.

Orides deixou a ex esposa Maria de Jesus de Paula e quatro filhos: Démerson Correia da Silva, Silmara Correia da Silva, Derlí Correia da Silva e Sheila Correia da Silva. Todos ainda vivem na Terra Indígena Xaçepó. Démerson declarou ao autor da pesquisa que deseja seguir os passos de Orides, e, para a próxima eleição de Cacique, pretende ser candidato.

Os momentos da trajetória política de Orides Belino, registrados pela imprensa escrita nacional e outros órgãos se resumem assim:

Surgem as primeiras citações ao seu nome na condição de líder Kaingang em 1989. Retorna à mídia em 1998 e 1999, com os eventos envolvendo seu irmão Valdo Correia e o início de seu primeiro mandato de Cacique da Terra Indígena Xaçepó.

No ano 2000 torna-se vice prefeito de Ipuacú SC, porém, esse fato não teve repercussão na imprensa regional ou nacional. (Não localizei fontes destacando).

Aparece em matérias do ano 2001 em acontecimentos referentes aos Indígenas, mas já é destacada sua condição de vice prefeito.

Em 2002 reaparece na imprensa ao assumir o cargo de prefeito em exercício da cidade de Ipuacú, tornando-se o primeiro Indígena do Sul do País a ocupar essa função.

Em 2003 sua morte tem ampla repercussão, até mesmo em nível nacional. Seu nome aparece novamente em 2004 no julgamento, após isso não há mais registros.

A temática desse trabalho não se esgotou, terá novas abordagens.

REFERÊNCIAS

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSK, Carla Bessanezi; **Fontes Históricas**. São Paulo; Editora contexto. 2008, p. 111-154.

XAVIER, Mário. **O Coronel Freitas e a Colônia Militar do Chapecó**: Os primórdios da colonização do Oeste Catarinense. Florianópolis; Editora Insular, 2016.

NACKE, Anaeliese. **Os Kaingang no Oeste Catarinense**: Tradição e atualidade. Chapecó; Editora Argos, 2007.

BRIGUENTI, Clovis Antônio. **Movimento Indígena**: Como a Ditadura Militar reprimiu o movimento em Santa Catarina. Revista História Catarina, Florianópolis; Número 54. P. 43-48, ano 2013.

BRIGHENTI, Clóvis Antônio. **Povos Indígenas em Santa Catarina**; Artigo disponível em: <https://leiaufsc.files.wordpress.com/2013/08/povos-indc3adgenas-em-santa-catarina.pdf> Consulta em 05 abril de 2016.

CEOM. Para Uma História dos Índios do Oeste Catarinense. **Cadernos do Ceom**. Ano 4 nº 6. Chapecó. Nov.1989.

MELATTI, Júlio Cesar. **Índios do Brasil**. São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

PACHECO, Tamires Tavares. **Entre o Índio Real e o Imaginário**: Políticas Públicas e Representação no Brasil Imperial. Revista História Catarina, Florianópolis; Número 54. P. 33-37, ano 2013.

WERLANG, Alceu. **A Diversidade do Oeste Catarinense está Na História da Colonização da Região**; Artigo disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2015/08/a-diversidade-do-oeste-catarinense-esta-na-historia-de-colonizacao-da-regiao-4835099.html> Consulta em 02/04/2016.

EPAGRI-SC- TI Xapecó **Estudo de Avaliação de Metodologia Utilizada pelo Pragem/Microbacias 2 Junto às Populações Indígenas de Santa Catarina.** Relatório Final, Florianópolis, 2008; Pág. 52-71.

ANEXOS

ANEXO I - MADEIRA E CORRUPÇÃO EM XAPECÓ

Página 2

CORANILVA

Dezembro de 1988

Madeira e corrupção

Durante 10 anos, um cacique corrupto, mancomunado com funcionários da Funai, vendeu ilegalmente madeira da Área Indígena Xaçpecó, em Santa Catarina. O negócio rendeu, por baixo, US\$ 2,5 milhões, mas não trouxe nenhum benefício para a comunidade indígena. O cacique criminoso já foi cassado e hoje os Kaingang se empenham em cumprir um plano ecunômico que os livrará do controle da Funai. Entretanto, eles estão sendo acusados de depredar o meio ambiente, numa história em que entram como bodes expiatórios. A repórter Cristina Avila esteve na Al Xaçpecó e esclareceu o assunto para os leitores do FORANTIM.



Foto: Cristina Avila

Dona Riva Niva: "Era tudo cheio de pinheiro. Eu e Vicente não dávamos cortar essa. Com o pinheiro se fazia farinha para comer com carne".

Os Kaingang da Área Indígena Xaçpecó, onde habitam quatro mil pessoas, no município de Xaçpecó (SC), estão sendo acusados de depredadores do meio ambiente por ecologistas, pelo poder público e a imprensa da região. No ano passado, a Sociedade Ecológica e Meio Ambiente de Xaçpecó entregou à Procuradoria da República em Santa Catarina e ao então Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) pela derrubada de florestas de pinheiros araucária e diversas madeiras nobres. O fato aconteceu num momento de grande tensão política quando, após três meses de reuniões secretas, os índios conseguiram desbaratar um grupo formado pelo ex-cacique José Domingos Palliano e funcionários da Fundação Nacional do Índio, que estava justamente mergulhado no comércio ilegal de madeira ferver quadro no lado. Estima-se que, nos últimos dez anos, pelo menos 2,5 milhões de dólares foram saqueados do território indígena. Mas quem lucrava não foram os Kaingang, hoje na miséria e preocupados com dívidas bancárias.

Em dezembro de 1988, uma ação da Polícia Federal na área resultou na abertura de um inquérito policial. Em fevereiro do mesmo ano, foram indicados três índios — o atual cacique Valdo Corrêa da Silva, o chefe do posto Orides Belino e Delcídes Xavier dos Santos — e 49 madeiras. Foram apreendidas dentro da área duas motosserras, quatro toneladas de madeira e uma caminhonete da Indústria de Madeiras Locatelli. Em abril, o Instituto Brasileiro de Recursos Naturais Renováveis e Meio Ambiente (que substituiu o IBDF) voltou à terra Kaingang onde apreendeu mais 150 toneladas de madeira de lei. Mais de mil outras foram apreendidas em serrarias vizinhas à Área Indígena. O Ibama, então, autuou a Funai, o cacique e mais de uma dezena

de madeireiros por contravenção florestal.

BODE EXPIATÓRIO

O fato é que a comunidade Kaingang foi transformada em bode expiatório. Os índios estão sendo acusados de devastação quando a própria Funai permitia e participava da exploração da madeira até julho do ano passado. Segundo cálculos feitos pelo Regional Sul do Conselho Indigenista Missionário, nos últimos dez anos, mais de 2,5 milhões de dólares foram obtidos através da venda de pinheiros, por uma serraria montada na área em 1957 pela Funai. Esse dinheiro, convertido no câmbio oficial, seria equivalente a quase cinco vezes o prêmio da Sena. Isto não é tudo, pois esse montante representa apenas o que foi comercializado através de notas fiscais.

Ainda segundo o Cim/Sul, mancomunados, o ex-cacique José Domingos Palliano e o ex-chefe do posto

Jair Elói de Moraes também negociavam madeira de lei com madeireiros da região. Há suspeitas de que o administrador regional da Funai (ADR Xaçpecó, Sebastião Fernandes, também tenha participado destas negociações. Entretanto, o dinheiro nunca trouxe benefícios para os Kaingang.

A procuradora da República no Estado de Santa Catarina, Elsa Wielek Volkmer de Castilho, que está encarregada pela denúncia que formaliza a propositura da ação cível contra os índios e os madeireiros, informa que o exame da questão se restringe aos desmatamentos cometidos no ano passado, portanto, na gestão do atual cacique. Ela Castilho mostra-se, contudo, sensível à situação dos Kaingang: "Eles (os índios) dizem que desmataram para se manter, porque não tinham outra saída. Então dá-lhes uma chance. Podi que organize suas provas documentais, e vou examinar a possibilidade de

não incluí-los na denúncia", adianta. A procuradora diz, ainda, que nenhum dos funcionários da Funai foi incluído na denúncia, mas que o ex-chefe do Posto, Jair Elói Moraes, poderá sê-lo, pela prática de prevaricação e corrupção passiva.

PLANO ECONÔMICO

O cacique Valdo Corrêa diz que os índios esperam que a Procuradoria autorize a utilização da madeira apreendida que está jogada no mato na área indígena. "O aproveitamento poderia ser planejado em acordo com o Ibama", sugere. Os índios querem, ainda, que o território seja reflorestado. "A Funai nos deve esse reflorestamento desde que começou a tirar o mato", argumenta o cacique.

Segundo o depoimento do chefe do Posto, Orides Belino, entre os meses de setembro do ano passado e fevereiro de 1988, a comunidade não recebeu recursos da Funai. Para



Valdo Corrêa, o novo cacique: "Daqui a um ano esperamos uma produção de 400 mil dólares".



Vicente Fozz: 14 anos de luta contra a devastação.

em Xapecó

manter o Posto e dar condições para a comunidade fazer o plantio da lavoura, em outubro os índios venderam madeira, grande parte dela sendo derrubada na gestão de Paliano. O plano, segundo o cacique, era explorar a floresta na entressafra da lavoura, até meados de março. Porém, em dezembro, a Polícia Federal interveio.

De acordo com Orides, após Valdo assumir a cacanga, 880 sacas (de 60 quilos cada) de milho foram plantadas em todo o território indígena. "Estimamos que a colheita de 1989 foi de 40 a 46 mil sacas". Acrescentos que estão também instalando uma usina. "Já foram gastos R\$ 45 mil, que obtivemos com a venda de um trator (R\$ 50 mil). Compramos tijolo especial para fazer o forno e contratamos um técnico. Para sair do sufoco, temos que montar uma coifa nossa. Daqui a um ano esperamos uma produção mensal de 400 mil tijolos. Com mais um pouco mais vamos montar. Nossa intenção é que a usina sustente a agricultura, porque a área é muito grande, são quatro mil índios. A despesa é muito grande", justificou o chefe do Posto. Como se vê, os Kaingang finalmente têm um plano econômico que, se tudo correr bem, os deixará independentes da Funai.

Para o Cimi/Sul, o ex-cacique José Domingos Paliano foi um grande corrupto, mas não agiu sozinho. "A Justiça tem que localizar os outros membros da quadrilha que dilapidou o patrimônio indígena durante dez anos". O cacique usou e abusou de cobertura muito forte", assegura o coordenador da regional, Alberto Capucci. Ele acrescentou que uma semana após a queda de Paliano, "o preço da madeira doou no comércio da região do alto rio Uruguai, devido a uma sensível queda na oferta".

OUTROS MEIOS

A política econômica da Funai em relação à Área Indígena Xapecó, que apenas continuou uma antiga prática do antigo SPI, foi desastrosa e oferecer em troca maquinário agrícola,

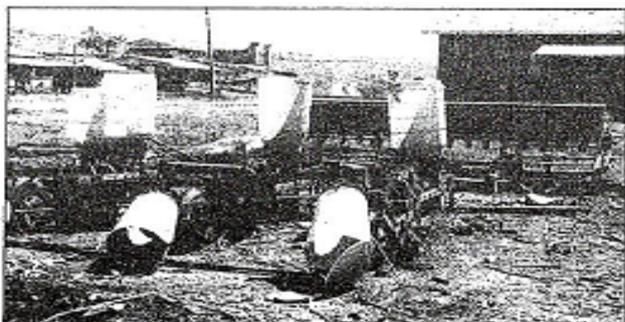
la, agora abandonado, sem, no entanto, colocar à disposição dos índios a manutenção e o combustível dos veículos. Algum dinheiro foi gasto em função da comunidade, mas nada que lhes oferecesse perspectivas de futuro. Os Kaingang, tradicionalmente coletores e caçadores, sem fauna e flora, foram obrigados a buscar outros meios de subsistência.

O regional Cimi/Sul tem vasta documentação que comprova contratos ilícitos de venda de madeira com a aquisição da Funai. Também estão em seus arquivos reserções de jornais da época em que os índios iam a Brasília reclamar contra a destruição de seus pinheiros, carregados dos frutos que eles usavam como base de seu cardápio.

"Durante 14 anos trabalhei contra a devastação", afirma Vicente Focá, 69 anos, presidente do Conselho Indígena da Área Indígena Xapecó. Tomando chimarrão, na beira de um fogo à lenha, ele conta ao FORANTIM: "O desmatamento começou com o Nervo Costa, chefe do Posto do SPI, que ficou no cargo durante 13 anos, entre 1949 e 1962. No tempo de Zé Domingos derrubaram mais dez anos de mata". Em 1984, Focá e outros índios foram a Brasília e levaram a denúncia sobre os desmatos à presidência da Funai e ao deputado Mário Juruna, que protestou no Congresso Nacional. Mas os protestos passaram em branco.

Dona Riva Niva, mulher de Focá, completa: "Era tudo cheio de pinheiro. Eu e Vicente não deixamos cortar esses pinheiros para o fundo de sua casa. Com o pinheiro se fazia farinha para comer com carne. A gente também pode comer cozido na água. Meu pai deixava a pinha secar, guardava e cozinhava de novo quando ia comer. Até hoje se usa o pinheiro pra fazer o cocho do Kiki (bebida de água e mel usada no ritual de mesmo nome, atualmente desmontado pela maioria dos Kaingang, mas que é realizado quase todos os anos na Al Xapecó)".

Cristina Ávila



Em troca de desmatamento, a Funai oferece maquinário agrícola, sem manutenção e combustível.



A estrada já matou pelo menos oito pessoas

A estrada, a usina e o banco, as outras ameaças

Nem as mulheres dos líderes sabiam o que eles faziam todas as noites, durante três meses, escondidos no mata. "Nos diziam que era moagem (de trigo)" — contam elas. Mas o plano culminou na madrugada do dia 14 de julho do ano passado, quando os Kaingang deram fim à cacanga de José Domingos Paliano, que há dez anos era assegurada pela "polícia indígena" do próprio Paliano, por forças políticas da região e pela Funai. Paliano estava profundamente envolvido no tráfico de madeira. Era um aliado, na concepção da comunidade. Durante sua expulsão, os índios que o apoiavam foram obrigados a soldar fogos de artifício, como castigo imposto pela comunidade.

Mas os Kaingang de Xapecó, que fazem parte de uma das maiores nações indígenas do Brasil, com 20 mil pessoas espalhadas entre o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, não enfrentam apenas as denúncias pela degradação do meio ambiente — de que eles não tiraram nenhuma proveito. Suas terras são atravessadas por uma estrada estadual (que liga os distritos de Bom Jesus e Ipançu) e estão ameaçadas pela construção de uma hidrelétrica de pequena porte. Além disso, volta e meia são visitados por agentes do Banco do Brasil, que lhes cobram uma dívida de cerca de R\$ 45 mil — outra herança do cacique Paliano.

ATROPELAMENTOS

Passados oito anos da construção da rodovia, a indenização ainda não foi paga, mas ao rasgar a pista Pinhalzinho, ela trouxe pelo menos oito mortos. As mulheres contam nos dedos os adultos e crianças vitimados por acidentes no asfalto, tentando não esquecer ninguém. Mas não se lembram de quantos sobreviveram a atropelamentos.

A usina hidrelétrica, no rio Chapecozinho, também faz parte

das preocupações dos Kaingang, mas eles ainda não sabem dizer se a querem. Apenas Vicente Focá, um dos quatro líderes da comunidade que iniciaram os planos para a destituição de Paliano, tem uma opinião firme sobre o assunto. Ele é contra a construção. Diz que tem informações suficientes, de outras usinas em terras indígenas no País, para pensar assim.

Segundo o antropólogo Silvio Coelho dos Santos, que possui inúmeros trabalhos escritos sobre os Kaingang e os acoranganos há muitos anos, essa hidrelétrica foi iniciada nos anos 60 e interrompida por mudanças na política nacional de construção de barragens. Cerca de 50% da obra já está pronta e a Central Elétrica de Santa Catarina (Colesa) pretende retomar essa infra-estrutura com participação do capital privado.

INTIMIDAÇÃO

Quanto às dívidas bancárias, apesar de sofrerem pressões, os índios podem ficar tranquilos. Assuridos pelo ex-cacique com o aval da Funai, os índios na realidade não devem nada. O próprio gerente geral do Banco do Brasil em Xapecó, Euclides Cristofolini, confessou ao FORANTIM que "é impossível para o banco cobrar a dívida dos índios". Ele afirma que já tentou negociar com a Funai, mas caiu num jogo de empurrar. Segundo Cristofolini, o BB não pretende acioná-la para o pagamento. Ele alega que isto é impossível, pois ambos, o Banco e a Funai, são instituições do Governo Federal. A expectativa do gerente é que o Ibama libere a madeira que está apodrecendo na área indígena, pois crê que os índios estariam dispostos a saldar a dívida. A instituição bancária discretamente intimida os Kaingang, que chegam a pensar que poderão ser presos por causa da dívida, acossados pelas visitas de seus agentes à área.

ANEXO II - ENTREVISTA COM ORIDES BELINO, 1996

▼ ENTREVISTA/ORIDES BELINO DA SILVA

Índios em pé de guerra com a Funai

FABRÍCIO MINUSSI
Enviado Especial/Catãilã

Consciência

Para o presidente do Conselho Indígena de Santa Catarina, Orides Belino da Silva, a invasão de índios catarinenses à sede administrativa de Curitiba nada mais é do que uma reação diante da atual política de divisão, que, segundo ele, vem sendo adotada pela Fundação Nacional do Índio (Funai). Ele aderiu à ocupação do prédio da entidade, invadido por mais de 230 kaingangue, xocklengue e guarani, na quinta-feira passada, e garante que estão em pé de guerra.

Ele concedeu uma entrevista exclusiva ao DC. Falou sobre o pouco diálogo que há entre índios e Funai, a atual política que vem sendo adotada pelo governo federal, a reunião de lideranças indígenas do Sul do país que acontece nesta semana, em São Paulo, e alerta: se as coisas não mudarem, em 20 anos não existirão mais índios no país.



FRANCISCO MANDUCCI/DC/SP

Orides Belino da Silva alerta: se as coisas não mudarem, em 20 anos não existirão mais índios no país

D iário Catarinense - Por que a comunidade indígena não consegue fazer valer a sua vontade diante do governo federal?

Orides Belino da Silva - Isso acontece porque o índio é pouco informado e ainda não formou uma consciência coletiva de participação nas questões que lhe dizem respeito. Tudo em função das administrações passadas da Funai, que nunca cederam diante de nossos interesses.

DC - Mas o senhor diz que pouca coisa mudou no que se refere ao tratamento dado pela Funai.

Orides - Só que mudou em função de uma retomada da consciência do nosso povo. Já aconteceu em São Paulo e hoje a sede é administrada por um índio, pelo índio e para o índio. Acontece que o presidente da Funai tem que entender que vai ser melhor trabalhar com o índio. Afinal de contas é uma entidade que visa primar pelos direitos da comunidade indígena.

DC - Como a comunidade indígena vê a atual política que vem sendo adotada pela Funai?

Orides - Trata-se de uma política de

divisão. Não queremos isso porque a política acaba passando por cima das necessidades reais do índio, que é o direito à terra e à vida.

DC - Em Santa Catarina são 8.200 índios kaingangue, xocklengue e guarani. De que modo a Funai estaria promovendo esta divisão?

"Em Chapecó, que é a maior colônia indígena de SC, o administrador é um índio. Pode-se chegar lá e negociar de irmão para irmão."

Orides - Em Chapecó, que é a maior colônia indígena de Santa Catarina, o administrador é um índio. Podemos chegar lá e negociar de irmão para irmão. Em Ibirama, tinhamos Eplídio Pripra, que acabou sendo exonerado em função de uma discordância promovida pela Funai, que está tentando promover a divisão do território da Reserva do Duque de Caxias.

DC - Em que condições vive hoje o

Índio catarinense?

Orides - As condições não são boas. Falta uma política agrícola, mas que seja adequada à realidade de nossas reservas indígenas no Sul do país. Não temos espaços, cortaram os nossos braços. Seguer somos independentes. Como poderemos competir com outros produtores se eles têm acesso a financiamento e em alguns casos invadem nossas áreas? São 500 anos do descobrimento do Brasil. Antes o escravo era o negro. Hoje, o escravo é o índio.

DC - Onde está a barreira que impede a Funai e os índios de trabalharem juntos e procurar uma solução para os problemas?

Orides - O ponto mais delicado é com relação à adaptação entre as pessoas que trabalham no governo, nas administrações e os índios. Enquanto todos não pensarem como nós pensamos, não vai haver entendimento.

DC - Diante desse quadro que o senhor coloca, qual o rumo que as coisas estão tomando?

Orides - Se continuar nesta situação, se o governo não entender a posição do índio - que hoje é de conhecimento público -, seremos ex-

terminados num intervalo de 20 anos. Não existirão mais índios no Brasil.

DC - A razão do ódio está na terra. O índio tem direito à terra no Brasil?

Orides - Não somos donos de nossos territórios. Temos que ficar mendigando.

"Não temos espaços, cortaram nossos braços. São 500 anos de descobrimento do Brasil. Antes o escravo era o negro. Hoje, o escravo é o índio."

aquilo que é nosso de direito. O pe-
branco não pode terminar no Bra-
Eu te pergunto: o índio pode?
queremos que seja cumprida a Co-
stituição brasileira. Nos basta ir
para podermos viver tranquilos, tra-
balhando, como costumava ser
passado. Vale lembrar que em termos
de assistência, o índio custa pro-
Brasil R\$ 22,00. O "homem bran-
cista R\$ 122,00. Por quê? Algu-
coisa está errada mas não quer
enxergar.

ANEXO III – CORREIO BRASILIENSE: VIDA DE ÍNDIO



INSTITUTO
Documentação
SOCIOAMBIENTAL
Fonte: CB
Data: 20/8/2000 Pg 20
Class: Y641

20 Brasília, domingo, 20 de agosto de 2000

BRASIL

CORREIO BRAZILIENSE

VIDA DE ÍNDIO

Tupi or not Tupi?

Romário Schettino
Da equipe do Correio

Dá para entender? Há índios que não falam a própria língua. É isso mesmo. Nem todos os indígenas brasileiros dominam o idioma materno. Das prováveis 1.200 línguas existentes em 1500, os linguistas contabilizam cerca de 170 sobreviventes. Muitos povos foram exterminados junto com suas línguas, outros resistiram mas tiveram que esquecer a história, a identidade, para se tornarem brasileiros. Há ainda aqueles que tiveram que

aprender línguas de outras tribos para não sucumbirem ao processo de extinção.

Além de proibirem as línguas locais, os jesuítas da Amazônia, no final do século XVII e início do século XVIII, impuseram o ensino de um único idioma baseado no tupi, completamente estranho aos nativos. No Nordeste, só os Fulnyó, de Águas Belas (PE), falam a sua língua. Outros, como os Pataxó (BA), Potiguára (PB), Truká (PE) e os Tupinikim (ES) estão adotando a fala de outros grupos para criarem a sua. Os Ava Canoeiro, de Goiás, são apenas 12 índios que

falam uma língua. Eles estão se misturando com outras tribos para garantir a sobrevivência.

O preconceito, o poder econômico e os hábitos europeus da sociedade branca sempre procuraram desmerecer a condição do indígena, obrigando-o, em muitos casos, a negar a própria existência. O índio Marcos Terena, piloto de avião da Funai, conta que quando foi estudar na universidade dizia que era japonês para evitar discriminação.

Há algumas décadas ser índio não era estimulado nem mesmo pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), antecessor da Funda-

ção Nacional do Índio (Funai), que acreditava mais na integração do que na preservação da cultura. Além disso, as invasões das terras, com a imposição da cultura branca, deixaram os índios arredios e temerosos de se apresentarem como tal. Falar a língua não só era proibido como se constituía numa vergonha.

HISTÓRIAS

Muitas mudanças aconteceram nas últimas duas décadas. A partir de 1988, com a nova Constituição, foram criadas as escolas diferenciadas para índios, com conceito inter-

cultural, bilingüe e comunitário. É assim que funciona a Escola Kaingang Cacique Vanhkre, que fica no Parque Indígena Xaçpecó, em Santa Catarina.

Lá, existem cinco professores da língua kaingang: Leoci Lopes, Marilde Luís, Sirley Alves de Assis, Ivo Gabriel e Pedro Kresó. Aos 34 anos, Kresó, que fala fluentemente o kaingang que aprendeu com os avós, fez curso de especialização na Escola Agrícola de Ijuí para aprender a escrever. O alfabeto kaingang foi criado, nos anos 1970, por Ursula Weisemann, pesquisadora do Summer Institute of Linguistics

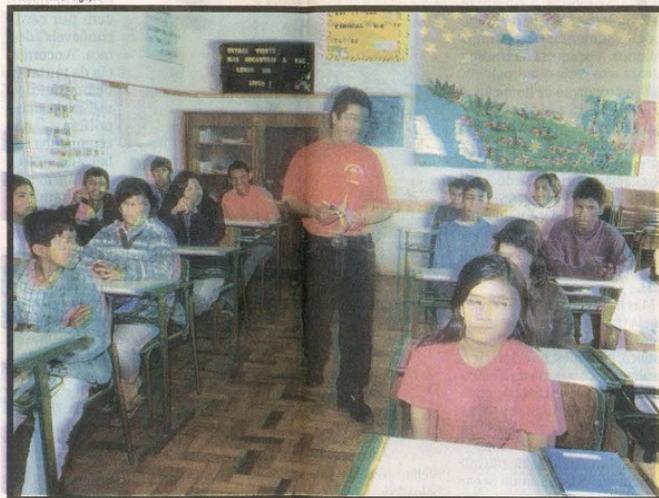
(hoje Sociedade Internacional de Linguística). Ela editou, em 1971, o primeiro Dicionário Kaingang-Português-Kaingang e criou uma escola em Guaritá (RS) para preparar os primeiros monitores bilingües do Brasil.

Os professores índios e não-índios da Escola Cacique Vanhkre são nomeados pelo chefe da aldeia, que faz um contrato anual, podendo renová-lo depois de avaliação coletiva. A escola é mantida pelo estado de Santa Catarina. Os professores, com carga horária de 40 horas semanais, ganham um salário de R\$ 330, quando trabalham no ensino fundamental, e R\$ 420, quando dão aula para o ensino médio.

Cerca de 60% dos índios da reserva não falam kaingang, mas desde 1996 vem aumentando o desempenho e o interesse de todos. Há dois anos começaram a produzir livros em kaingang. Os textos são montados a partir de histórias coletadas pelas crianças junto aos mais velhos. Nesse trabalho são descritas as festas religiosas tradicionais, como o Kiki, dedicado aos mortos, receitas e remédios naturais.

O professor Sílvio Coelho, do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) acha que é "válida a alfabetização em língua indígena, independente do maior ou menor domínio por uma determinada população. A língua é o maior instrumento de manutenção de uma cultura". Ele apóia o que está sendo feito na Reserva Indígena de Xaçpecó, mas lembra que a Funai não cumpre seu papel para a eliminação da miséria.

Fotos: Imneu/divulgação



PEDRO KRESÓ APRENDEU A LÍNGUA INDÍGENA COM OS AVÓS E FEZ CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO PARA ENSINAR KAIKANG

Os jesuítas impuseram uma língua única a todos os índios, no final do século XVII e início do século XVIII. Muitos perderam a cultura, e até sentiram vergonha de assumir sua identidade. A escola kaingang tenta resgatar as raízes de uma importante tribo do sul do Brasil

Organização social rígida

As crianças do Parque Xapacó vivem uma nova história. Muitos recebem "nomes do mato", como dizem, para substituir os Cleilson, as Venessa, as Elizete, com que são registrados nos cartórios. Sadito da Luz — ou Pin, que significa fogo em kaingang —, 15 anos, está na 8ª série e há três anos está aprendendo a língua. Ele disse que "é importante aprender kaingang porque é dessa maneira que a gente é conhecido como índio".

Esses meninos e meninas têm sonhos. Muitos querem ser professores bilíngües. Outros querem ser advogados, fisioterapeutas, jogadores de futebol. Vanessa Pereira da Silva, 13 anos, 8ª série, filha do ex-cacique, quer ser juíza de Direito. Elizete Mendes, 17 anos, 7ª série, quer ser fisioterapeuta e arrisca uma receita: "para sinusite, carqueija, com erva cidreira e casca de laranja". Ana Maria, 17 anos, 3º ano, quer ser odontóloga. Vilmar dos Santos, 13 anos, que tem mãe guarani, é pragmático: "Estou aprendendo kaingang para ver se isso me ajuda no futuro".

Estes jovens nunca saem da aldeia e estão proibidos de namorar antes da autorização paterna para o casamento. É preciso que os noivos estejam querendo e as condições econômicas sejam favoráveis. O controle social é rígido, para evitar a promiscuidade. Também possuem problemas de violência. Durante muitos anos esses índios viviam na periferia das cidades, adquiriram o hábito da bebida alcoólica e das brigas de rua.

O renascimento cultural promovido pela nova escola é vital para os índios. A diretora Eliane Maria Trevisan Cassol, da Escola Vanhkre, diz que hoje eles já se orgulham de ser kaingang. Batem no peito: "Eu sou índio". Os alunos aprendem, inclusive, a cantar o Hino Nacional brasileiro em kaingang como prova de que as culturas se respeitam. Na sala de aula, dois professores, um na língua materna e outro em português, atuam integrados para facilitar o aprendizado simultâneo. Os professores são capacitados nos centros de preparação estaduais, em Itaperá, Camboriú e Lajes, sob a supervisão da Secretaria de Educação do estado e do Ministério da Educação.

NOME CASSADO

A Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkre, antes se chamava Vitorino Kondá. Mas a comunidade começou a pesquisar a vida de Kondá e descobriu que ele era "protetor de fazendeiro" e "perseguidor de grupos indígenas", por isso resolveu cassar seu nome da escola. Hoje, a homenagem é feita ao cacique Vanhkre, que é o responsável pela preservação das terras que fazem parte da Reserva Xapacó.

Os três prédios da escola foram construídos pelo governo de Santa Catarina e custaram R\$ 800 mil. Uma oca, com 15 salas de aula, lareira em cada uma; um ginásio com espaço para mil espectadores, em forma de tatu, e um laboratório, com sala de exposição e espaço para cerimônias religiosas em forma de cágado estilizado. O complexo escolar tem 448 alunos, 384 crianças no ensino fundamental e 64 adolescentes no ensino médio. São estudantes de 6 a 22 anos. Os católicos são maioria. Os evangélicos, frequentam todas as 4ªs, 6ªs e domingos, igrejas como a Assembléia de Deus, Universal do Reino de Deus, Cadeia da Prece e a Unidos de Jesus.

INSTITUTO
DOCUMENTAL
Documentação
Fonte: CB
Data: 20/8/2000 Pg: 21
Class: 1691



A ESCOLA, EM FORMA DE TATU, É SÍMBOLO DA IDENTIDADE ÉTNICA

Regras da aldeia

A comunidade dos Kaingang, conhecida como Reserva Indígena de Xapacó, tem 15.623 hectares, ocupados por 4.200 kaingang (4.070) e guarani (130). Fica em Ipuacu, oeste de Santa Catarina, a 700 quilômetros de Florianópolis. O município tem 8 mil habitantes. Com poder de voto, os índios querem administrar o município.

O exercício da organização começa em casa. O cacique dos Kaingang de Santa Catarina é Orides Belini, 42 anos. Não fala kaingang, mas entende a importância do ensino da língua e das novas tecnologias com condições para competir no mercado de trabalho.

A cultura começa pela arquitetura da Escola Cacique Vanhkre: "Uma oca, uma tartaruga e um tatu. Os animais são nossos alimentos naturais e estão em extinção. A oca é um símbolo do sistema indígena". Orides quer transformar a escola em um Colégio Agrícola Federal. "Somos agricultores, vivemos e morremos assim", enfatiza.

Orides tem a 4ª série e viveu 16 anos no município vizinho de Mangueirinha, como tratorista. No ano passado, voltou para administrar a aldeia, porque seu irmão, Valdo Correia da Silva, foi deposto — responde a 16 processos na Justiça, acusado de bebedeira, arrendamento irregular de terras, venda de madeira e desvio de dinheiro.

O novo cacique aceitou o cargo, com uma condição: instituir eleição direta, com mandato de quatro anos. O Conselho de Lideranças estabeleceu as regras. Todos votam a partir dos 12 anos de idade. "O cargo de cacique não pode ter caráter imperial, nós cometemos muitos erros, somos passageiros e temos uma vida curta", sentencia Orides.

Ele estabeleceu um sistema original na hierarquia do poder. Toda vez que tem de tomar

uma decisão reúne os 24 líderes da sua aldeia e leva o veredito para o Conselho de Lideranças das outras 12 aldeias. São 60 líderes. Cada aldeia tem um líder nato e mais dois escolhidos entre os mais velhos. O líder não pode beber, não pode se envolver com prostituição e só pode ter uma mulher.

Pequenos delitos na aldeia são punidos com pena alternativa — trabalho comunitário temporário. Se o índio é reincidente, o cacique manda o infrator para o pau, lugar onde onde fica amarrado de 2 a 6 horas, dependendo da gravidade do caso. Nos casos de homicídio, o criminoso é entregue para a Polícia Federal.

A família da vítima é amparada pela comunidade. "Mas a viúva tem que agir de acordo com as regras", adverte Orides. Ele também não tolera tráfico de drogas. Entrega os envolvidos para a polícia e os expulsa da área.

O Partido Popular Socialista (PPS) é o único partido dos índios da reserva. O cacique controla tudo. Quer ser o candidato a prefeito com apoio do PPB de Espedidão Amim

e do PFL. O irmão dele, ex-cacique Valdo, que também é do PPS, disputará uma vaga na Câmara de Vereadores. "Nós temos a metade dos votos e amplas condições de administrar o município", garante.

O primeiro contrato do Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf), do Ministério do Desenvolvimento Agrário, beneficiando uma comunidade indígena, foi assinado pelos Kaingang em 1999. Foram R\$ 251 mil para produzir 90 mil sacas de milho e 18 mil de soja. O cacique espera que no próximo ano consiga envolver 70% dos índios da reserva. Até agora, só 32% participaram. O projeto é fundar uma cooperativa para receber recursos e investir em tratores e tecnologia. (RS)



ANEXO IV - CONFRONTO ÍNDIOS CONTRA PM - SC

TIROTEIO

Índios impedem PM de prender cacique em SC

Florianópolis — Dois índios morreram, um saiu ferido e mais dois soldados da Polícia Militar também ficaram feridos em consequência de um tiroteio ocorrido na madrugada de quarta-feira no município de Ipiáçu, próximo a Chapecó, na região Oeste de Santa Catarina.

O tiroteio começou quando o cacique Valdo Correa, que lidera cerca de três mil índios moradores da aldeia Caigangui, recebeu os soldados da Polícia Militar que foram à aldeia para cumprir um mandado de prisão expedido pela Justiça Federal em consequência de queixas dos próprios índios contra o cacique.

Valdo Correa é considerado um dos homens mais temidos da aldeia pelos próprios índios. Eles o acusam de ameaças de extorsão, estupro e até morte. Essa violência foi comprovada por soldados da PM, que tiveram de reagir ao tiroteio ordenado pelo cacique.

Na ocasião, foram disparados cerca de 350 tiros envolvendo um total aproximado de 150 PMs. Mas o cacique não foi preso, conseguindo fugir. Há informações de que ele está ferido. A Fundação Nacional do Índio (Funai) determinou buscas nos hospitais da região, mas até a noite de ontem ele não havia sido localizado.

ANEXO V - CACIQUE

29/03/2016

Notícias > Cacique consegue promessa de verba

News

Translate this using google

Cacique consegue promessa de verba

30/01/2002

Fonte: Diário Catarinense-Florianópolis-SC

Prefeito quer R\$ 1 milhão para as obras em Ipuauçu

A investida do cacique e prefeito interino de Ipuauçu, Orides Belino (PPS), ao governador do Estado, Esperidião Amin (PPB), foi bem-sucedida.

Ele saiu do gabinete na tarde de ontem com a garantia de que seus pedidos para construção de um ginásio de esportes, reforma e ampliação de duas escolas locais e melhorias na SC-480, que corta o município, serão atendidos.

Os valores não foram discutidos durante a reunião, mas segundo Belino, os investimentos devem chegar perto de R\$ 1 milhão.

O governador pediu para que o cacique o mantenha informado sobre a construção do ginásio e diz que faz questão de jogar no dia da inauguração.

"É um prêmio que a comunidade merece, pois ficaram em segundo lugar no Moleque Bom de Bola", destacou Amin, referindo-se ao bom desempenho dos índios no campeonato infantil.

Sobre as melhorias num trecho de seis quilômetros da SC-480, Amin intercedeu junto ao DER e conseguiu a construção de acostamento, sinalização e lombada, se for necessário.

Além de prometer assar um tatu assim que as obras estiverem concluídas, Belino disse que vai apoiar a candidatura de Amin à reeleição, mesmo estando filiado ao PPS, partido que faz oposição ao governo do Estado. "No município é diferente", disse

[Print](#) | [Send](#) | [Save to Delicious](#) | [Report errors](#)

The news items published by the Indigenous Peoples in Brazil site are researched daily from a variety of media outlets and transcribed as presented by their original source. ISA is not responsible for the opinions expressed or errors contained in these texts. Please report any errors in the news items directly to the source

ANEXO VI - TRIBO ELEGE E DEPÕE CACIQUES

29/03/2016

Notícias > Tribo elege e depõe caciques

Notícias

Tribo elege e depõe caciques

21/03/2003

Fonte: Diário Catarinense-Florianópolis-SC

As aldeias do Oeste têm sistemas diferentes de eleição. O cacique de Toldo Chimbanguê, Idalino Fernandes, disse que houve um tempo em que os mais idosos escolhiam quem iria comandar.

Atualmente, a forma mais comum é reunir a comunidade em assembléia, indicar os candidatos e escolher por aclamação, onde votam os maiores de 12 anos. Idalino disse que as lideranças surgem naturalmente nas aldeias.

Caso o cacique não esteja realizando um trabalho que satisfaça, a comunidade pode ser convocada para nova assembléia e indicar outro nome. Idalino disse que em algumas aldeias a troca é freqüente. Um índio mesmo deixando de ser cacique pode continuar na aldeia e até voltar a ser cacique.

Na aldeia Xapecó, em Ipuaçú, foi implantado um sistema diferente. O cacique Orides Belino foi eleito em 1998 para um mandato de quatro anos. Ele concorreu com o antigo chefe, que teve uma série de problemas com a comunidade, mas não queria deixar o cargo. A eleição foi em cédulas e acompanhada pela Funai, Polícia Federal e Procuradoria da República.

O voto é de maiores de 14 anos e não é obrigatório. No dia 28 de fevereiro deste ano, Orides Belino fez um plebiscito no qual a população votava pela continuidade ou não do atual comando. Orides, que também é vice-prefeito de Ipuaçú, venceu.

Imprimir | Enviar | Salvar este link no Delicious | Reportar erros

As notícias publicadas no site Povos Indígenas no Brasil são pesquisadas diariamente em diferentes fontes e transcritas tal qual apresentadas em seu canal de origem. O Instituto Socioambiental não se responsabiliza pelas opiniões ou erros publicados nestes textos. Caso você encontre alguma inconsistência nas notícias, por favor, entre em contato diretamente com a fonte.

ANEXO VII - CACIQUE PREFEITO

29/03/2016

Noticias > Cacique kaingang é prefeito no Oeste

Noticias

Translate this using google

Cacique kaingang é prefeito no Oeste

28/01/2002

Autor: DARCI DEBONA

Fonte: Diário Catarinense-Florianópolis-SC

Primeiro indígena a assumir o Executivo no Sul do Brasil toma conta interinamente de Ipuçu

Um cacique kaingang da Aldeia Xapecó é o primeiro indígena a assumir uma prefeitura no Sul do país. Orides Belino Correia da Silva (PPS) tomou posse neste mês como prefeito interino de Ipuçu, já que o titular, Luiz Serraglio (PPB), está em férias.

O cacique assumiu o cargo no dia 7 de janeiro e deve ficar 45 dias administrando o município, já que Serraglio deve tirar 15 dias além das férias, para tratamento de saúde. Orides Belino disse que está se sentindo à vontade nessa nova função. Nos primeiros dias, teve um pouco de dificuldade, mas agora afirma que é mais fácil administrar o município do que a aldeia. Como prefeito, o cacique disse que tem recursos para executar as obras que planeja, enquanto que na aldeia tem que administrar com poucos recursos, apostando mais na conscientização da comunidade.

No primeiro dia de trabalho, Orides delegou as tarefas aos secretários e agora apenas acompanha a execução. Entre seus principais objetivos, está a melhoria das estradas para o escoamento da safra e a retomada dos campeonatos municipais de futebol.

Graças ao seu bom trânsito nas esferas estaduais e federais, o cacique está conseguindo encaminhar vários projetos. Na Fundação Catarinense de Desporto (Fesporte) pretende conseguir material esportivo e recursos para revitalizar o campeonato municipal, a partir de março.

Nesta semana, o cacique viaja a Brasília para resolver questões como a implantação de barragens no município. Em menos de um mês no cargo, ele também vai viajar pela terceira vez a Florianópolis. Orides disse que sua experiência de funcionário da Funai, cinco anos como cacique do Toldo Chimbanguê (Chapecó) e dois anos e meio na Aldeia Xapecó (Ipuçu) estão ajudando muito no novo cargo executivo.

Orides gosta de atender todo mundo e ninguém sai do gabinete sem uma solução encaminhada. Para isso dá atendimento dobrado. Na prefeitura trabalha das 8h30min às 11h45min e das 13h45min às 17h45min. Depois disso, vai atender a população da aldeia, das 18h30min até a meia-noite. O cacique disse que tanto a população da cidade tem dado apoio à sua administração como o povo da aldeia. Segundo Orides, a população indígena está vendo que a articulação política tem dado bons resultados para a comunidade, que conta com posto de saúde, ginásio de esportes, centro cultural e escola com internet.

E ainda há a promessa do governo do Estado de construir um estádio na aldeia. Orides inclusive é amigo pessoal do governador Esperidião Amin (PPB).

Para a próxima eleição, ele já deixou claro que vai concorrer a prefeito. Para isso, conta com a força dos eleitores indígenas que correspondem a 42% dos 3.687 votantes do município.

Mas Orides disse que atende de forma igual os demais moradores do município e de outros partidos.

"Nós queremos dar o exemplo", conclui.

Imprimir | **Enviar** | **Guardar este link en Delicious** | **Informar los errores**

Las noticias publicadas en el sitio Povos Indígenas do Brasil (Pueblos Indígenas del Brasil) son investigadas en forma diaria a partir de fuentes diferentes y transcritas tal cual se presentan en su canal de origen. El Instituto Socioambiental no se responsabiliza por las opiniones o errores publicados en esos textos. En el caso en el que Usted encuentre alguna inconsistencia en las noticias, por favor, póngase en contacto en forma directa con la fuente mencionada.

ANEXO VIII - ENCONTRO DE ÍNDIOS POLÍTICOS.

29/03/2016

Notícias > Encontro de índios-políticos

News

Translate this using google

Encontro de índios-políticos

23/08/2001

Autor: FABRÍCIO SEVERINO**Fonte: Diário Catarinense-Florianópolis-SC**

1º Congresso de Parlamentares Indígenas começou ontem em Florianópolis

Os grandes temas relacionados as etnias indígenas começaram a ser discutidos ontem, em Florianópolis, com a abertura do 1º Congresso Brasileiro de Parlamentares Indígenas.

Os debates vão estar focados para questões como demarcação de terras, cidadania, educação, saúde, habitação e o novo Estatuto do Índio.

Paralelamente acontece o 3º Fórum de Debate das Questões Indígenas em Santa Catarina.

Com uma população indígena estimada em 8,5 mil, Santa Catarina conta hoje com seis vereadores e um vice-prefeito - Orides Belino (PPS), da cidade de Ipuçu - representantes da raça indígena. Além deles, o encontro vai reunir cerca de 89 parlamentares indígenas de outros estados brasileiros. O objetivo é fortalecer ainda mais a cultura do índio, destacou o secretário de Estado da Justiça e Cidadania, Paulo César Ramos de Oliveira, cuja pasta é responsável pela realização do encontro, em parceria com o Conselho Estadual dos Povos Indígenas.

O secretário defende uma integração maior dos índios com a cultura branca. Desde que, claro, seja preservada a sua identidade e a sua cultura, acrescenta. Oliveira também é favorável a uma participação cada vez maior dos índios nas discussões de ordem política. É óbvio que todos os segmentos da sociedade devem participar e acho legítimo que os índios também participem, disse.

O evento, que termina amanhã, conta ainda com a participação de dirigentes da Fundação Nacional do Índio (Funai), Procuradoria da República, Ministério Público do Estado, universidades, além de lideranças indígenas.

[Print](#) | [Send](#) | [Save to Delicious](#) | [Report errors](#)

The news items published by the Indigenous Peoples in Brazil site are researched daily from a variety of media outlets and transcribed as presented by their original source. ISA is not responsible for the opinions expressed or errors contained in these texts. Please report any errors in the news items directly to the source

ANEXO IX - ÍNDIOS LANÇARAM CANDIDATOS EM 2002

ANEXO X - INDIO QUER MENOS PRECONCEITO.

29/03/2016

Notícias > Índios lançarão candidatos em 2002

29/03/2016

Notícias > Índio quer ensino superior e menos preconceito

Noticias

Translate this using google

Índio quer ensino superior e menos preconceito

24/06/2001

Autor: Eduardo Nunomura

Fonte: Estado de S. Paulo-SP

Curso voltado só para etnias começa no dia 2 na Universidade Estadual do Mato Grosso

O cacique Kahtir está mais orgulhoso do que nunca. Líder de 4.442 índios da aldeia Chapecó, em Santa Catarina, ele fala com entusiasmo dos seus três representantes caingangues aprovados no vestibular da Universidade Estadual do Mato Grosso (Unemat). "Eles foram lá e levantaram o canudo", comemora o cacique. A partir do dia 2, os três caingangues vão se juntar a outros 197 índios para dar início ao 3.º grau indígena. Numa iniciativa inédita, serão oferecidos cursos de licenciatura exclusivos para formar professores índios em nível superior. É também o passo decisivo para ser criada a primeira universidade do gênero no País.

Os cursos serão dados no câmpus de Barra do Bugres, a 160 quilômetros da capital Cuiabá. A idéia de reunir só universitários indígenas em salas de aula soaria maluca até bem pouco tempo. No Brasil, há 3.041 professores índios espalhados em 1.666 escolas. Estudaram com muita dificuldade o 1.º e o 2.º graus. São leigos, termo usado para os instrutores sem diploma universitário.

O cacique Kahtir, que significa "madeira verde" mas também é conhecido como Orides Belino, sabe o que isso representa. Ele estudou até a 4.ª série. Tentou ir adiante, mas não conseguiu. Restou-lhe o consolo de fazer seus índios tomarem gosto pela educação. "Essa experiência própria me fez acordar para essa nova realidade", explica. "Vivemos numa sociedade que nos discrimina por causa da nossa falta de formação." Em 1994, os caingangues conseguiram criar a primeira escola de 2.º grau dentro de uma área indígena, fruto do esforço de Kahtir. Há 11 escolas de ensino fundamental, espalhadas nos 15 mil hectares de Ipuacú e Entre Rios.

Temas - A primeira aula do 3.º grau indígena na Unemat abordará um tema particularmente interessante: a origem do universo.

A teoria do big bang será dada, mas não será a única. Ao lado da explicação de que a vida surgiu de uma explosão cósmica, que resultou na formação de galáxias, planetas, da Terra e do homem, os índios terão a oportunidade de dar a sua versão. Os parecidos dirão que surgiram da pedra. Os pataxós saíram de um imenso buraco, que acreditam existir até hoje em Juacema, o Monte Pascoal, no litoral sul da Bahia. Já os umutinas poderão dizer que a civilização humana existe graças a um casal de sua etnia, que gerou filhos da sua e de outras raças.

Esse vai ser o tom das aulas para as 35 etnias presentes no 3.º grau indígena. Um verdadeiro debate intercultural com os índios. Dos 200 universitários aprovados nas provas de março e abril, 20 são de outros Estados e 180 de Mato Grosso. Maria Alice de Souza Cupudunepá, de 43 anos, é uma das aprovadas pelo Estado matogrossense. Ela mora em Barra do Bugres, próximo ao câmpus da Unemat.

Professora do ensino primário, Maria Alice dá aulas para 64 alunos da aldeia Umutina. Sonha em criar turmas da 5.ª à 8.ª séries, para que os jovens não parem de estudar e os adultos participem. "Educação não é só a sala de aula para as crianças. Precisamos envolver também os mais velhos. A melhora só vai acontecer com nosso aperfeiçoamento."

O bacairi Edson Oliveira Santos, de 29 anos, dá aulas na aldeia Santana, em Nobres (MT). Kulewãra, como é chamado entre os índios, considerou "um pouco difícil" a prova do vestibular, que teve uma dissertação sobre a vida dos índios. Mas garantiu que tudo estava dentro do conhecimento de seu povo.

Candidatos - A maioria dos novos universitários é, como Kulewãra, professor em suas aldeias. Dos aprovados, 167 são homens e as idades variam de 18 a 50 anos. As aulas serão sempre em julho, janeiro e fevereiro, meses das férias escolares. Depois de cinco anos, uma nova safra de professores de matemática, ciências sociais e português será formada.

Professores de outras universidades brasileiras, como USP, Unicamp, Puccamp, UFRJ e UFPR, darão as aulas, em português, para os índios.

Francisca Novantino Pinto de Angelo, de 41 anos, a Chiquinha ou Nezoekemaerô, terá um papel especial. Índia pareci, ela será uma espécie de professora-auxiliar. Formada em licenciatura de história, com especialização em antropologia, Chiquinha preside o Conselho de Educação Escolar Indígena do Mato Grosso. Ela tem a certeza de que só conquistou um diploma universitário porque era filha de índios que trabalharam com o marechal Cândido Rondon. "As universidades dos brancos ensinam como ser egoísta, competir no mercado de trabalho e que só é melhor quem tem mais competência. Para o índio, isso não importa. Valorizamos a coletividade", explica.

Poucos Estados no Brasil preocupam-se, de fato, com a educação indígena em todos os níveis. Em abril, a Assembléia Legislativa do Paraná aprovou uma lei que destina 15 vagas nas universidades estaduais para índios paranaenses. Mas eles terão de estudar com os brancos. No País, menos de cem índios têm acesso ao ensino superior. Em São Paulo, o enfoque ainda está no magistério. Em agosto, começa o primeiro curso de formação especial para 50 professores índios. Atualmente, as 700 crianças índias, de 7 a 14 anos, têm aulas com instrutores leigos. Para piorar, em muitas das 21 aldeias paulistas com salas, estas estão em condições precárias ou em construção.

A mesma triste realidade pode ser encontrada nas 649 escolas em tribos no Amazonas, muitas feitas de madeira. No último Encontro dos Povos Indígenas, no início do ano em Manaus, o presidente do Conselho de Educação Indígena do Amazonas, Ademir Ramos, informou que a situação é crítica. Muitas unidades estariam até ameaçadas de cair sobre as crianças.

Universidade - Em 1991, a responsabilidade pelo ensino nas tribos passou das mãos da Fundação Nacional do Índio para as do Ministério da Educação. Pela lei, deve ser feito preferencialmente por índios. A mesma lei prevê que até 2007 todos os professores dos ensinos fundamental e médio, incluindo os indígenas, devem ter diploma universitário. Uma realidade longe de ser conquistada. "Não faz muito tempo, a escola servia para catequizar, civilizar e integrar o índio. Torná-lo um cidadão brasileiro", critica Chiquinha.

Uma universidade indígena, que ofereça outros cursos tão necessários aos índios como de medicina, enfermagem, agronomia e direito, ainda levará um bom tempo. "Estamos dando o pontapé para que daqui a uns 8 ou 10 anos tenhamos uma instituição superior para os índios", afirma Elias Januário, coordenador dos cursos na Unemat, que contou com o apoio do governo estadual. No total, Mato Grosso investiu R\$ 3 milhões para criar o 3.º grau indígena.

O dinheiro será utilizado para pagar os professores que darão os cursos e para financiar a viagem e hospedagem dos alunos. "Apesar de toda a legislação favorável, esbarramos na falta de apoio às minorias. Muitos me perguntavam por que colocar um índio na faculdade", lembra. Essa é uma dificuldade mundial. Só Nicaraguá, México, Canadá e agora o Equador possuem universidades indígenas.

Manifesto - "Não queremos que nossas crianças sofram o mesmo que nós. Cheguei a negar a minha condição de pataxó, por vergonha", lembra Jerry Adriane dos Santos Jesus, ou Matalawê, um professor de 25 anos. Esse índio, aprovado no vestibular indígena, ficou conhecido nacionalmente durante as tumultuadas comemorações dos 500 anos do Brasil.

Na missa de 26 de abril do ano passado, dias depois do confronto entre a PM baiana e índios em Porto Seguro, Matalawê leu um manifesto em que pedia mais justiça para as minorias. Entre as suas reivindicações, o pataxó falava em educação. "Estamos numa sociedade que nos tira o sentido de grupo. A escola vai permitir melhorar a nossa auto-estima."

A aula inaugural em Barra do Bugres, que por conta da agenda dos políticos ficou marcada para uma semana depois do início das atividades, terá a presença de Marcos Terena, uma das maiores lideranças indígenas no País. Segundo ele, o índio não pode mais fugir da educação.

ANEXO XI - JOGOS INDÍGENAS

29/03/2016

Notícias > Jogos resgatam cultura indígena

Notícias

Jogos resgatam cultura indígena

22/11/2001

Autor: DARCI DEBONA**Fonte: Diário Catarinense-Florianópolis-SC**

Competição, que reúne cerca de 500 índios de 11 aldeias do Sul, contribui para a integração

A 2ª edição dos Jogos da Juventude Indígena iniciou ontem e prossegue até domingo na Aldeia Xaçecó, em Ipuçu, Oeste do Estado. Cerca de 500 atletas até 25 anos de 11 aldeias do Sul do país disputam 12 modalidades, como arco e flecha, zarabatana, corrida de tora, cabo-de-guerra e futebol. Segundo o professor Kaingang da aldeia Cacique Vanhkre, em Ipuçu, Daniel Alípio, os jogos resgatam tradições da cultura indígena como a corrida de tora, que estava se perdendo. A competição consiste numa corrida de 200 metros carregando uma tora de coqueiro ou angico, pesando 60 quilos. Cada equipe pode utilizar até cinco atletas.

A zarabatana consiste numa vareta com penas sopradas numa taquara e que era utilizada para avisar os madeireiros e outros viajantes da presença indígena. Caso os viajantes não respeitassem o aviso, os índios usavam o arco e a flecha.

Entre os favoritos do arco e flecha estão os Xokleng de Ibirama, que no ano passado foram campeões no feminino e vice no masculino. O técnico e professor José Cuzugn Nedile espera vencer também neste ano. De acordo com ele, é necessário boa mira e saber o ponto certo de esticar o arco. Um de seus alunos, Sander da Silva, vai disputar a natação e o futebol. Ele considera que a competição vai ser difícil.

O líder dos indígenas na região Sul e cacique da aldeia Xaçecó, Orides Belino, disse que os jogos integram os vários povos indígenas que ao longo dos anos se distanciaram.

Imprimir | **Enviar** | **Salvar este link no Delicious** | **Reportar erros**

As notícias publicadas no site Povos Indígenas no Brasil são pesquisadas diariamente em diferentes fontes e transcritas tal qual apresentadas em seu canal de origem. O Instituto Socioambiental não se responsabiliza pelas opiniões ou erros publicados nestes textos. Caso você encontre alguma inconsistência nas notícias, por favor, entre em contato diretamente com a fonte.

ANEXO XII - FUNAI TEM NOVO ADMINISTRADOR

29/03/2016

Notícias > Funai tem novo administrador

Notícias

Funai tem novo administrador

24/05/2001

Autor: Darci Debona

Fonte: Diário Catarinense - Florianópolis - SC

Órgão e caciques aprovam Antônio Izomar Marini para o cargo

Os caciques do Oeste catarinense e Norte do Rio Grande do Sul encontraram ontem um nome de consenso para o cargo de administrador e a sede da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Chapecó, fechada desde terça-feira, volta a funcionar hoje. Os caciques exigiam a nomeação de um administrador regional, cargo vago desde dezembro de 2000, com a exoneração de Irani Cunha, e exercido interinamente pelo administrador-adjunto, João Batista Oselame. Os indígenas indicaram em janeiro Renato Padilha, mas a Funai tinha preferência por João Batista. Após negociações foi escolhido Antônio Izomar Marini, que era chefe do setor de Patrimônio e Meio Ambiente da Funai. Segundo João Batista Oselame, o nome de Marini foi confirmado pela Funai e aguarda apenas a portaria de nomeação. Ele permanece como administrador-adjunto. O cacique da aldeia Chapecó, em Ipuçu, Orides Belino, afirmou que os caciques se sentiram no direito de participar da escolha de quem vai trabalhar com os índios.

[Imprimir](#) | [Enviar](#) | [Salvar este link no Delicious](#) | [Reportar erros](#)

As notícias publicadas no site Povos Indígenas no Brasil são pesquisadas diariamente em diferentes fontes e transcritas tal qual apresentadas em seu canal de origem. O Instituto Socioambiental não se responsabiliza pelas opiniões ou erros publicados nestes textos. Caso você encontre alguma inconsistência nas notícias, por favor, entre em contato diretamente com a fonte.

ANEXO XIII - ÍNDIOS ASSASSINADOS EM 2003

29/03/2016

Notícias > Índios assassinados entre janeiro e setembro de 2003 no Brasil*

Noticias

Translate this using google

Índios assassinados entre janeiro e setembro de 2003 no Brasil*

31/10/2003

Fonte: Coiab-Manaus-AM

O Alto índice de índios assassinados entre janeiro e setembro de 2003, na maioria das vezes por defender suas terras, é considerado pelo movimento indígena como uma clara expressão do crescente desrespeito aos direitos dos povos indígenas no Brasil, fora as práticas cotidianas de preconceito e discriminação, de etnocídio, e da marginalização social a que muitos índios são submetidos, pelo processo de expansão do globalismo neoliberal e suas conseqüentes mazelas: empobrecimento, desemprego, fome, doenças etc.

O problema é que o governo até agora não mostrou como irá enfrentar esta realidade.

Lista de índios assassinados de janeiro a setembro de 2003:

- 02/01/03 - Aldo da Silva Mota - Povo Macuxi - 52 anos - Fazenda Retiro/Uiramutã/RR
- 06/01/03 - Leopoldo Crespo - Povo Kaingang - 77 anos - Miraguai/RS
- 13/01/03 - Marcos Veron - Povo Guarani-Kaiowá - 72 anos - Fazenda Brasília, Juthy/MS
- 19/01/03 - Jose Vilamar de Sousa - Povo Tremembé - 28 anos - Almofala/CE
- 03/02/03 - Ronaldo Gonçalves - Povo Bororo - 20 anos - Aldeia Bororo/MS
- 07/02/03 - José Ademilson Barbosa da Silva - Povo Xukuru - 19 anos - Pesqueira/PE
- 07/02/03 Jozenilson José dos Santos - Povo Atikum - 25 anos - Pesqueira/PE
- 03/03/03 Fancisco (Chico) Cinta Larga - Povo Cinta Larga Riozinho-Cacoal/RO
- 03/03/03 - Éliton Ferreira Malaquias - Povo Wapichana - Cantá / RR
- 29/03/03 - João Batista Rodrigues - Povo Truká - 38 anos - Ilha de Assunção/Cabrobó/PE
- 29/03/03 - Roberto Batista Rodrigues - Povo Truká - 34 anos - Ilha de Assunção/Cabrobó/PE
- 06/05/03 - Orides Belino da Silva - Povo Kaingang - 47 anos - Chapecó/Ipuçu/SC
- 17/05/03 - J.E.R. Xucurú - Povo Xucurú - 17 anos - Pesqueira/PE
- 07/06/03 - Sérgio Ribeiro da Cruz - Povo Truká - 27 anos - Cabrobó/PE
- 15/06/03 - Valneci dos Santos Barbosa - Povo Mundurucu - 22 anos - Kwatá - Laranjar/Borba/AM
- 27/06/03 - Adilson Cardoso - Povo Kaingang - 23 anos - Votouro/Faxinal/RS.
- 05/06/07 - Dilo Gonçalves - Povo Kaingang - 43 anos - Aldeia Jaguapiru, MS.
- 06/07/03 - Bruno Riquelme Ramires - Povo Kaingang - 20 anos - Amambaí/MS
- 17/08/03 - Edivaldo Moreira - Povo Karajá - 41 anos - Goiânia / GO
- 08/09/03 - Oedson Eduardo da Silva - Povo Wapichana - 18 ano -Serra da Lua/Cantá/RR
- 21/09/03 - Ademir Mendes - Povo Kaingang - 24 anos - Palmas/PR
- 22/09/03 - Júnior Reis Loureiro - Povo Kaingang - 10 anos -Passo Fundo/RS
- 23/09/03 - Oedson Eduardo da Silva - Wapichana - 18 anos - Serra da Lua, Cantá/RR

o Fonte: Conselho Indigenista Missionário (Cimi) - 2003

Até aqui a lista dos assassinados.

Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira
 Av. Ayrão, 235, Presidente Vargas - Manaus / AM
 E-mail: comunicacao@coiab.com.br; coiab@coiab.com.br
 Home Page: www.coiab.com.br.
 Telefones: (092) 2330749 / 2330548 / 2331171; Fax: 2330209

Coordenação Executiva:

<http://pib.socioambiental.org/es/noticias?id=10083>

ANEXO XIV - ELEIÇÕES TRE



TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE SANTA CATARINA
Secretaria de Informática e Eleições
Coordenadoria de Eleições



27/01/05

Eleições municipais de 2000 e 2004						
Prefeitos e Vice-Prefeitos (SITUAÇÃO)						
		2000	2004	VOTOS	SITUAÇÃO	
109, 81370	ICARA	PREFEITO VICE-PREFEITO	11- JULIO CEZAR CECHINEL 11- HEITOR VALVASSORI	11- HEITOR VALVASSORI 11- NAELTI VIANNA	16.014	Eleito Eleito
110, 81396	ILHOTA	PREFEITO VICE-PREFEITO	11- ROBERTO DA SILVA 11- ERICO DE OLIVEIRA	15- ADEMAR FELISKY 15- ANTONIO SCHMITZ	3.108	Eleito Eleito
111, 81418	IMARUI	PREFEITO VICE-PREFEITO	25- EPITÁCIO BITTENCOURT SOBRINHO 11- JAIRO TEIXEIRA MARTINS	12- BRAZ GUTERRO 15- ADILSON LUIZ DUTRA	4.383	Eleito Eleito
112, 81434	IMBITUBA	PREFEITO VICE-PREFEITO	15- OSNY SOUZA FILHO 45- JATIR JOÃO DE AMORIM	45- JOSÉ ROBERTO MARTINS 25- LÉA DE OLIVEIRA LOPES	10.658	Eleito Eleito
113, 81450	IMBUIA	PREFEITO VICE-PREFEITO	11- ANTONIO OSCAR LAURINDO 25- NERI FERMINO	25- NERI FERMINO 15- JOÃO SCHWAMBACH	2.709	Eleito Eleito
114, 81477	INDAIAL	PREFEITO VICE-PREFEITO	13- OLÍMPIO JOSÉ TOMIO 13- MARLETE APARECIDA GONZAGA	13- OLÍMPIO JOSÉ TOMIO 13- ALCIDES BEDIN	9.133	Reeleito Eleito
115, 81361	IOMERE	PREFEITO VICE-PREFEITO	45- AUJOCIR ALBERTO ZAGO 45- JUAREZ NICOLAU BORGA	15- LAERCIO VICENTE LAZZARI 15- MILTO LUIZ BORGA	1.058	Eleito Eleito
116, 81493	IPIRA	PREFEITO VICE-PREFEITO	12- ROQUE DE SIMAS 15- EDUARDO PEDRO DE MELLO	13- FRANCISCO MAXIMINO MACHADO DE AGUIAR 11- MARILEI STOCKMANN KNEBEL	1.864	Eleito Eleito
117, 80020	IPORA DO OESTE	PREFEITO VICE-PREFEITO	11- GILBERTO ANTÔNIO NIEDERLE 15- ADÉLIO MARX	13- ILTON PEDRO VOGT 23- HUGO LOTÁRIO FRIEDRICH	2.735	Eleito Eleito
118, 80829	IPUACU	PREFEITO VICE-PREFEITO	11- LUIZ ANTONIO SERRAGLIO 23- <u>ORIDES BELINO CORREIA DA SILVA</u>	22- LEONIR JOSÉ MACETTI 13- NILSON JOSÉ PREZOTTO	1.884	Eleito Eleito
119, 81515	IPUMIRIM	PREFEITO VICE-PREFEITO	15- DARCI FRARE 13- NILO BORTOLI	13- NILO BORTOLI 15- MAURI DELAI	2.660	Eleito Eleito
120, 80187	IRACEMINHA	PREFEITO VICE-PREFEITO	15- VALCI DAL MASO 13- CARLOS LUIS BERNARDI	15- VALCI DAL MASO 13- CARLOS LUIS BERNARDI	1.739	Reeleito Reeleito
121, 81531	IRANI	PREFEITO VICE-PREFEITO	15- CLEINOR ZOZIMO ZAMPIERI 25- FABIO ANTONIO FAVERO	25- FABIO ANTONIO FAVERO 11- JAMIR ANTONIO GRISA	2.734	Eleito Eleito

ANEXO XV - CACIQUE É ASSASSINADO.

SOCIOARQUIVAMENTO	
Fonte	O Globo (O País)
Data	8/5/2003 Pg 12
Class.	KGR02651

Vice-prefeito de Ipuauçu, que era cacique de Xapecó, é assassinado

Segundo a polícia, Orides Belino recebeu diversas ameaças de morte

Gladinston Silvestrini

Especial para O GLOBO

• FLORIANÓPOLIS. A Polícia Federal investiga o assassinato, na noite de anteontem, do índio Orides Belino Correia, vice-prefeito de Ipuauçu, cidade no oeste catarinense. Cacique da Reserva Xapecó, Belino, que era filiado ao PPS, foi morto com vários tiros de espingarda calibre 12 quando chegava em casa, por volta

das 23h de terça-feira.

Segundo Rogério Caetano da Silva, delegado da Polícia Federal de Chapecó, a hipótese mais provável é que os mandantes do crime pertençam a facções indígenas dissidentes que disputavam o comando da reserva.

— Nos últimos meses, Belino registrou queixas com diversas ameaças de morte por parte desses grupos na Polícia Civil, que as encaminhava à

Polícia Federal — diz o delegado Caetano da Silva.

Belino tinha 47 anos e desde 1977 também era funcionário da Fundação Nacional do Índio (Funai). Segundo o delegado, a Polícia Federal também não descarta a hipótese de crime passional. O vice-prefeito havia se separado há cerca de cinco meses e desde então vivia com a segunda mulher. A possibilidade de crime político, diz ele, é mais remota. ■

ANEXO XVI - VICE PREFEITO ASSASSINADO

29/03/2016

Notícias > Vice-prefeito de Ipuçu, que era cacique de Xaçecó, é assassinado

Notícias

Vice-prefeito de Ipuçu, que era cacique de Xaçecó, é assassinado

08/05/2003

Autor: Gladinston Silvestrini

Fonte: O Globo-Rio de Janeiro-RJ

Documentos anexos

[Íntegra da notícia.](#) 🔍

A Polícia Federal investiga o assassinato, na noite de anteontem, do índio Orides Belino Correia, vice-prefeito de Ipuçu, cidade no oeste catarinense. Cacique da Reserva Xaçecó, Belino, que era filiado ao PPS, foi morto com vários tiros de espingarda calibre 12 quando chegava em casa, por volta das 23h de terça-feira.

Segundo Rogério Caetano da Silva, delegado da Polícia Federal de Chapecó, a hipótese mais provável é que os mandantes do crime pertençam a facções indígenas dissidentes que disputavam o comando da reserva.

- Nos últimos meses, Belino registrou queixas com diversas ameaças de morte por parte desses grupos na Polícia Civil, que as encaminhava à Polícia Federal - diz o delegado Caetano da Silva.

Belino tinha 47 anos e desde 1977 também era funcionário da Fundação Nacional do Índio (Funai). Segundo o delegado, a Polícia Federal também não descarta a hipótese de crime passionai. O vice-prefeito havia se separado há cerca de cinco meses e desde então vivia com a segunda mulher. A possibilidade de crime político, diz ele, é mais remota.

[Imprimir](#) | [Enviar](#) | [Salvar este link no Delicious](#) | [Reportar erros](#)

As notícias publicadas no site Povos Indígenas no Brasil são pesquisadas diariamente em diferentes fontes e transcritas tal qual apresentadas em seu canal de origem. O Instituto Socioambiental não se responsabiliza pelas opiniões ou erros publicados nestes textos. Caso você encontre alguma inconsistência nas notícias, por favor, entre em contato diretamente com a fonte.

ANEXO XVII - DIRCURSO DO GOVENADOR AMIM.

ESPERIDIÃO AMIN
Rua Álvaro de Carvalho, 267 - 10º andar Sala 1001
88010-040-Florianópolis/SC
Fone/Fax: (48)222-4100

Jornal A notícia 15.05.03

Adeus, Cacique Orides Belino!

*“ Mas o eterno não morre,
porque permaneço vivo, no lampejo primitivo de cada fato que ocorre.
O meu sangue rubro corre, corcoveando em cada artéria,
pela miscigenação, na bárbara transfusão,
com os andarengos da Ibéria”*

(Jayme Caetano Braun)

Não sabemos, ainda, quais foram as causas do assassinato do Cacique da maior aldeia indígena de Santa Catarina e Vice-Prefeito de Ipuauçu, ocorrido no dia 5 de maio passado.

Mas, é preciso que saibamos o quanto representou Orides Belino para a construção de um modelo de respeito e parceria entre o Governo de nosso Estado e a nossa população indígena.

No dia 23 de março de 1999, a imprensa catarinense registrava a ocorrência de tiroteio e homicídios na Reserva Indígena Xapecó. Como consequência, os ânimos da população da região variavam do pânico ao desejo de vingança.

Seguiram-se reuniões tensas com o então Presidente Nacional da FUNAI, que se deslocou para Santa Catarina, Ministério Público Federal, Secretaria Estadual da Justiça e Cidadania e Polícia Militar.

Como todos sabemos, crise é oportunidade. Poucas vezes esta assertiva foi mais clara do que então. O saudoso amigo Dr. Luís Carlos Schmidt de Carvalho, que acumulava as pastas da Justiça e Cidadania e da Segurança Pública, liderou, pessoalmente, a administração da crise.

Poucos dias depois, uma cena promissora e emblemática era veiculada: índios da Reserva Xapecó “depunham” armas. Dezenas de armas foram entregues pelos índios ao Secretário Luís Carlos Schmidt de Carvalho, como ato em favor da Paz. Este gesto fazia parte de um ciclo de compromissos e conquistas singulares na relação Estado de Santa Catarina – Comunidade Indígena.

Em 9 de junho de 1999, durante reunião do Colegiado, lançávamos, como fruto dos compromissos assumidos, a licitação para a construção da Escola de Educação Indígena Cacique Wanhkré, projeto concebido pela comunidade Kaingang e muito bem desenvolvido pelos técnicos do nosso DEOH – Departamento de Edificações e Obras Hidráulicas. Escola em forma de “oca”, ginásio de esportes em forma de “tatu” e espaço cultural em forma de “cágado”, tudo inspirado por sugestões compiladas pelo índio Bira.

*ESPERIDIÃO AMIN
Rua Álvaro de Carvalho, 267 - 10º andar Sala 1001
88010-040-Florianópolis/SC
Fone/Fax: (48)222-4100*

Por trágica ironia, no dia seguinte, 10/06/99, em acidente de helicóptero, falecia o Secretário Luís Carlos Schmidt de Carvalho.

Nos funerais do amigo e Secretário, conheci Orides Belino. Ele e um outro índio da distante aldeia, mais exatamente de Ipuacu, vieram a Blumenau e, na despedida do secretário, depositaram um colar que significava paz. Assegurei a ele que os compromissos assumidos pelo amigo que partia seriam respeitados por todos nós.

Sucederam-se fatos inéditos para a população indígena. Resumindo, podemos alinhar as seguintes conquistas inspiradas pela ação do Cacique Orides Belino:

1. Construção da escola. A EEI (Escola de Educação Indígena) Cacique Wanhkré é uma jóia arquitetônica, pedagógica, antropológica e ecológica. É uma referência que se desdobra em outros projetos desenvolvidos em prol do povo indígena, beneficiando outras nações que habitam, ainda, o espaço catarinense, como os Xokleng (Escola Laklânõ) e os Guarani (Escola Itaty);
2. O primeiro financiamento agrícola para índios no Brasil com base no Troca-Troca. Operação realizada pelo Banco do Brasil, com assistência da EPAGRI, o financiamento foi um sucesso de produção, produtividade e adimplência. Sim, os nossos índios pagaram o empréstimo;
3. Um conjunto de ações no campo social, passando por saúde, habitação e esporte. Basta mencionar que o time dos jovens Kaingang sagrou-se vice-campeão estadual no “Moleque Bom de Bola”! A comunidade conquistou o direito de ter um campo de futebol, embrião de estádio.

Paro por aqui, eis que a intenção é mais enaltecer uma liderança positiva e criativa, e não homenagear fatos. Relembro, apenas, que, entusiasmado com o sucesso do plantio de milho, feijão e soja, o Cacique Orides Belino propunha lançar, num projeto agro-turístico, a semente de milho Kaingang, sem agrotóxico!

Orides Belino, portanto, concretamente, contribuiu para que escrevêssemos em Santa Catarina uma página de afirmação, auto-estima e bom exemplo.

“Moona”, isto é, juntos, os Kaingang subiram degraus importantes na sua qualidade de vida. É certo que há muito mais por fazer. Por isto, também, com muito pesar, digo “Adeus, amigo Cacique Orides Belino”.

ESPERIDIÃO AMIN

ANEXO XVIII - ACUSADOS DE MATAR CACIQUE SÃO JULGADOS

29/03/2016

Notícias > Acusados de matar cacique são julgados

News

Translate this using google

Acusados de matar cacique são julgados

28/04/2004

Autor: DARCI DEBONA

Fonte: Diário Catarinense-Florianópolis-SC

Um esquema de segurança com 12 delegados da Polícia Federal e 15 Policiais Militares foi montado ontem para o primeiro júri federal da região Oeste. Foram a julgamento quatro pessoas acusadas pelo assassinato do então cacique da aldeia Xaçecó e vice-prefeito de Ipuçu (PPS), Orides Belino Correia da Silva, de 43 anos.

O crime ocorreu às 22h do dia 6 de maio de 2003, na localidade de Samburá, distante sete quilômetros do centro da aldeia, em Ipuçu. O cacique foi alvejado com um tiro nas costas quando voltava de um jantar com sua segunda esposa, Marilene Martins. Através de um processo de oito volumes e 1,3 mil páginas, o Ministério Público Federal ofereceu denúncia contra o ex-cacique e irmão da vítima, Valdo Correia da Silva, além de Sadi Ribeiro Lemos, Avelino Ribeiro Lemos e Claudir Martins.

O vereador de Ipuçu e também indígena José Carlos Gabriel, foi denunciado e recorreu da sentença, escapando do julgamento. Para o Ministério Público, Valdo queria voltar a ser cacique da aldeia Xaçecó e Gabriel queria ser prefeito de Ipuçu. Os argumentos de acusação foram apresentados pelos procuradores da República Haroldo Hoppe e Alexandre Schneider. Vários indígenas, entre eles familiares e amigos de Orides Belino, assistiram o julgamento.

O júri iniciou às 13h e a previsão era de que a decisão do juiz federal José Luiz Terra iria ocorrer somente na madrugada de hoje. Isso porque até às 20h de ontem tinha sido ouvida apenas uma das oito testemunhas.

[Print](#) | [Send](#) | [Save to Delicious](#) | [Report errors](#)

The news items published by the Indigenous Peoples in Brazil site are researched daily from a variety of media outlets and transcribed as presented by their original source. ISA is not responsible for the opinions expressed or errors contained in these texts. Please report any errors in the news items directly to the source

23/05/2016

Notícias > Líder Kaingang, Orides Belino da Silva é assassinado

News

Translate this using google

Líder Kaingang, Orides Belino da Silva é assassinado

07/05/2003

Fonte: COIAB-Manaus-AM

A Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) vem a público manifestar o seu repúdio pelo assassinato do Cacique da Terra Indígena Xapecó e Vice-prefeito do município de Ipuacú, Estado de Santa Catarina, Orides Belino C. da Silva / Kaingang, ocorrido na noite do dia seis de maio. O cacique foi vítima de uma emboscada em sua própria residência. O assassino, ainda desconhecido, surpreendeu o líder com tiros pelas costas, disparados de uma arma calibre 12.

A Coiab exige das autoridades competentes, do Ministro da Justiça Márcio Thomaz Bastos e do Presidente Luis Inácio Lula da Silva, a apuração imediata e punição rigorosa do assassino e mandantes deste crime hediondo.

Aos familiares do Cacique Orides, a nossa mais sincera condolência e solidariedade.

Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab)

Manaus, 07 de maio de 2003.

* Convocamos:

Aos amigos e amigas, do Brasil e do exterior, pedimos que enviem mensagens ao governo brasileiro exigindo o esclarecimento e punição dos responsáveis deste e de outros crimes cometidos contra lideranças e os povos indígenas do Brasil. Em 2003 esse é o oitavo líder indígena assassinado. Dirija-se a:

Excelentíssimo Senhor:

LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA
MD. Presidente da República Federativa do Brasil

Palácio do Planalto - Praça dos Três Poderes

70.150 - 900 - Brasília - DF

[Print](#) | [Send](#) | [Save to Delicious](#) | [Report errors](#)

The news items published by the Indigenous Peoples in Brazil site are researched daily from a variety of media outlets and transcribed as presented by their original source. ISA is not responsible for the opinions expressed or errors contained in these texts. Please report any errors in the news items directly to the source